



TEREZINHA DE JESUS CUNHA DOS SANTOS

**A IGREJA CATÓLICA DE NATAL E OS MOVIMENTOS POPULARES
(1960-1965)**



Monografia apresentada ao
Departamento de História da
UFRN, para a obtenção do grau
de bacharelado em História:



DEDICATÓRIA

A minha família.



AGRADECIMENTOS

A Deus, pela concretização de mais uma vitória.

A Dalcy Cruz, pela experiência e incentivo que muito me ajudaram na realização desta monografia.

Ao meu filho Alexandre, pela assistência e companheirismo durante o desenvolvimento deste trabalho.

As Professoras Aurinete e Marlene, pelas sugestões e contribuições dadas no decorrer da elaboração do mesmo.

A todos os amigos que confiaram em mim.

Muito Obrigada.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	3
A IGREJA CATÓLICA NO BRASIL - 1930 A 1964	4
1 - CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	4
1.1 - Contexto Histórico de Igreja (Antecedentes de 1930)	7
1.2 - Igreja Populista num País em Crise (1930 a 1945) .	11
1.3 - Uma Igreja Renovada na Redemocratização do País (1945-1960)	18
1.4 - Igreja e Estado no Golpe de 64	24
CAPÍTULO II	34
2 - VISÃO GERAL DE NORDESTE	35
2.1 - Concílios e Conciliação - Medidas Pastorais Abraç gentes	38
2.2 - Compromisso e Participação no Nordeste Brasilei- ro	39
2.3 - O Parlamento Episcopal Numa Experiência Desenvol vimentista	43
CAPÍTULO III	48
3 - A IGREJA NO RN E SUA ABERTURA SOCIAL	49
3.1 - A Diocese de Natal no Contexto da II Guerra Mun- dial - Soluções para a Crise	51

3.2 - O Movimento de Natal	53
3.3 - A Política no RN - Um Caso Específico de Populismo de 1960-1964	55
3.4 - Os Movimento Populares	58
CONCLUSÃO	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66
ANEXOS	69

INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma colaboração à Historiografia Regional e ao mesmo tempo surgiu de uma necessidade sentida por melhores informações à respeito da Igreja Católica no Brasil e sua participação no Golpe Militar de 1964.

Para isto tivemos que delimitar o período compreendido de 1960 a 1964 por ser uma Conjuntura muito confusa, talvez a mais crítica de nossa história em termos sócio-político e ideológicos.

Teremos que fazer uma Retrospectiva em Conjunturas anteriores para entendermos melhor o assunto e vermos as condições do Nordeste onde a Igreja desenvolveu um trabalho através da Diocese de Natal, abrindo novas perspectivas para a vida humana da Região.

Não será feito um trabalho só sobre a Igreja, mesmo porque ela só poderá ser entendida em conjunto: Igreja, Sociedade Civil e Estado.

Para melhores definições dos fatos dividimos o trabalho em três capítulos cujos temas são os seguintes:

Capítulo I - A Igreja no Contexto Geral e Algumas Considerações Teórico-Methodológicas.

Capítulo II - Uma Visão Geral do Nordeste

Capítulo III - A Igreja no RN e sua Abertura Social.

O assunto é bem significativo e não será esgotado, tanto em amplitude como em profundidade, porque o que mais desejamos é contribuir para posteriores pesquisas.

CAPÍTULO I

A IGREJA CATÓLICA NO BRASIL - 1930 A 1964

1 - CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Quando foi oficializada a separação entre Igreja e Estado no Brasil, introduzindo-se o Estado Laico, através da primeira Constituição Republicana de 24 de fevereiro de 1891, colocava-se para a instituição eclesiástica uma tarefa dupla: assumir essa separação com perdas de prestígio e ajuda econômica, e ao mesmo tempo procurar seu espaço junto à sociedade brasileira sem a proteção do Estado. Diante desta situação, a Igreja procura meios originais que lhes irão levar a uma forma própria de sua inclusão na sociedade Burguesa no Brasil⁽¹⁾.

Neste encaminhamento, o relacionamento entre religião e sociedade vai envolver um processo dialético em que a religião se configura a partir de determinado contexto cultural e sócio-econômico o qual é por ela influenciado. Com as transformações das sociedades, elas redefinem seu conteúdo e alternam suas funções, apesar de não se apresentar isento de contradições, dependendo da situação dos países ou com a sujeição de minorias e classes sociais.

"Numa perspectiva histórica, a doutrina e as instituições religiosas cristãs constituíram dimensão ideológica da exploração colonial e instrumento dos interesses das nações dominantes desde o século XVI (...) até o presente século (...). Cada religião se distingue pelo patrimônio cultural e

desenvolvimento histórico peculiar atendendo a situações sociais emergentes"⁽²⁾.

Apesar de passado quase cinco séculos de sua implantação no Brasil, poucos discordam de que a Igreja Católica não tenha sido importante nas transformações sociais que se processam no país e que para isto a hierarquia foi encaminhada por práticas até certo ponto comprometedoras, inovadoras, chegando a ser vanguardista em determinado período histórico do Brasil⁽³⁾.

Para melhor entendimento teceremos algumas considerações a respeito de: Igreja, Estado, Sociedade, Religião, Catolicismo e Ideologia, abordados por estudiosos nos assuntos e que nortearão esse trabalho.

Igreja: sobre esse tema Leonardo Boff afirma que o termo Igreja depende muito do momento histórico em que ele é usado. É um conjunto de cristãos, membros de uma mesma sociedade cristã que possui seu fim próprio e os meios adequados para conseguir uma sociedade perfeita⁽⁴⁾.

Dom Evaristo Arns confirma que a Igreja é chamada de sociedade (...) perfeita que se basta a si mesma e é autônoma, possui uma hierarquia organizada (...) não depende de raça, cultura e poder⁽⁵⁾.

Octávio Ianni, por sua vez, nos dá uma visão de Estado como sendo um desdobramento da sociedade e que Estado e Sociedade se constituem e se realizam em uma totalidade

aberta, em movimento, criando e recriando disparidades e antagonismos entre ambos. Sendo o Estado visível, configurado e presente, cria a ilusão de que ele constitui a sociedade o que não acontece, é o contrário (...) *a sociedade civil é a verdadeira fonte, o verdadeiro cenário de toda a história (...), através dos Movimentos Sociais a Sociedade se põe em marcha expressando reivindicações e lutas.* Nesta caminhada recria a dialética: indivíduo e sociedade, cidadão e povo, raça e cultura, sociedade e estado⁽⁶⁾.

Quanto à Religião, Aurélio define como: *"crença na existência de uma força superior, criadora do Universo e que esta crença se manifesta por meio de doutrina e ritual próprios, que envolvem preceitos éticos em geral"*⁽⁷⁾.

Quanto ao Catolicismo, *"o mesmo apresenta como sendo a religião dos cristãos que reconhecem o Papa com autoridade máxima (...)"*⁽⁸⁾.

O termo Ideologia é bastante complexo, porém escolhemos Marilena Chauí que nos informa: *"Ideologia é um conjunto de idéias para dar explicações à sociedade e ao mesmo tempo controlá-la"*.

A Ideologia está presente em todos os instantes e lugares da nossa vida:

- na família;
- na escola;

- na religião;
- no estado;
- nos meios de comunicação⁽⁹⁾.

Como nosso trabalho analisa a Igreja e o Estado como duas fortes instituições a Ideologia de ambos em determinadas épocas se assemelham e até se confundem e às vezes se ultrapassam, haja visto as épocas passadas em que alguns governantes mandavam em nome de Deus, outros usavam a religião como produção de riqueza, guerras justas em nome da paz, etc. É a Ideologia da classe dominante.

A seguir veremos o caminhar da Igreja Católica junto a uma sociedade no caso a brasileira, tendo o Estado ao seu lado às vezes por caminhos diversos porém com objetivos bem explícitos: defesa de interesses comuns a ambos.

1.1 - Contexto Histórico de Igreja: (Antecedentes de 1930)

Para se entender a posição da Igreja Católica no Brasil na ordem social burguesa faz-se necessário considerar o caráter singular e sincrético do nosso Catolicismo, resultado do regime de padroado vigente da Colônia ao Império. Porém, segundo Júlia Miranda, "*de uma maneira geral este padroado foi extensivo até a Proclamação da República*"⁽¹⁰⁾.

Tão desagradável foi se tornando esta situação que levou alguns preladados a se pronunciarem contra esta ordem injusta, desejosos de mudanças, sobretudo para reforçar o poder da Santa Sé, resultando na Questão Religiosa (1872-1874). Esse movimento envolveu a ação dos bispos reformadores entre os quais; Dom Vital, de Pernambuco e Dom Antônio de Macedo Costa, do Pará - ação complementada pelo trabalho de base do padre Júlio Maria⁽¹¹⁾. O professor Nilo Pereira com grande eloquência aborda essa questão como sendo muito complexa e envolvia o Estado com grande repercussão até internacional. Sabemos que à época estava havendo sérios desentendimentos entre a Santa Sé e o Estado liberal. Entendia a Igreja que o liberalismo é sinônimo de Capitalismo e que este Sistema, bastante contraditório, já esboçava sua verdadeira face, convulsões sociais como: pobreza, desemprego, urbanização, fome, injustiças, enfim grandes desigualdades sociais⁽¹²⁾.

Com a Proclamação da República, o Decreto 119-A de 07 de janeiro de 1890 extinguiu o Regime de Padroado e outras regalias, separando a Igreja do Estado, sendo respondido por uma Pastoral Coletiva - que dizem escrita por Dom Macedo Costa a 19 de março de 1890, mostrando a atitude da Igreja diante do acontecido⁽¹³⁾.

A Igreja respirava um pouco de liberdade porém lhe foi imposta uma tarefa dupla: perda de prestígio e a falta da ajuda econômica como também se posicionar junto à

sociedade brasileira sem o respaldo do Estado, (...) com isto sua posição hegemônica ficou abalada nos vários campos político (...), religiosa (...), ideológico (...) e social (...) (14).

Desta maneira, a Igreja recua e une-se mais a Santa Sé, cuidando da sua "romanização". Maria Lúcia afirma que, "este apoio junto a Roma e à Ordens religiosas européias proporcionara-lhe recursos para a criação de uma rede de escolas, hospitais, missões religiosas e seminários". Desta maneira ela se preparava para enfrentar o Estado na conquista dos seus fiéis principalmente no plano Educacional que foi sempre o cerne do seu desenvolvimento.

Em 1913, na diocese de Campinas, foi criada uma organização supra-partidária: a LEC (Liga Eleitoral Católica) que muito vai auxiliar à Igreja no confronto com o Estado.

Em 1916 foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife Dom Sebastião Leme, considerado grande articulador político da Igreja que em 1921 iniciou sua pastoral, destacando a parte social como prioridade. Nessa época estava ocorrendo grande crise mundial provocada pela I Guerra (1914-1918). Os movimentos se sucediam, a Itália era um verdadeiro campo de batalha.

No Brasil havia grande agitação: a Semana da Arte Moderna, o Tenentismo, a Criação do Partido Comunista do



Brasil, levando tudo isto à integração da Igreja aos movimentos de massa, aproximando-a do Estado ainda no governo de Epitácio Pessoa.

A Igreja brasileira romanizada para acompanhar a sociedade e exercer sua influência teria dois obstáculos a vencer: a ignorância religiosa dos fiéis e o insignificante número de padres levando Dom Leme que já era Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro (1930), a procurar uma saída para esta situação e encontra: dinamizar o ensino religioso e dar prioridade à intelectualidade laica. Esta intelectualidade muito lhe ajudará na transmissão ideológica e na aproximação com o Estado, no período Populista que veremos mais adiante⁽¹⁵⁾. A ideologia religiosa, moralista e elitista desenvolve um trabalho através da imprensa. Para isto, cria o Centro D. Vital com tarefas especiais políticas como a LEC, tarefas pedagógicas como a Associação dos Professores Católicos, Instituto Católico de Estudos Superiores. Cria a revista "A Ordem" que juntamente com o Centro D. Vital dirigidos por Jackson de Figueiredo e depois por Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde), ambos recém-convertidos, saídos da classe média, passaram a dinamizar a Igreja e tornaram-se um grupo vanguardista do catolicismo na época (década de 20). Por outro lado promovia-se um espetáculo grandioso que foi a celebração do Congresso Eucarístico do Rio de Janeiro em 1922 envolvendo os poderes: temporal e espiritual.

Segundo Miranda, foi criada também a "Vozes" de Petrópolis por franciscanos numa visão mais liberal porque a "Ordem" era bastante conservadora porém no plano geral o objetivo era o mesmo: deslegitimar o regime oligárquico dominante e um certo apoio ao regime liberal⁽¹⁶⁾.

No que foi exposto aqui, presenciamos que a Igreja com a finalidade de alcançar seus objetivos lança mãos de muitos meios e não perde seu universo religioso, elitista e culturalista. Por sua vez, o Estado também obtém suas vantagens não deixando ser dominado, porém vendo na Igreja uma forte aliada e que merece por isto ser respeitada⁽¹⁹⁾.

1.2 - Igreja Populista num País em Crise (1930 a 1945)

Antes de 1930 a oligarquia agrária dominava a vida brasileira, porém aos poucos foi surgindo uma burguesia industrial unindo uma parte dos seus capitais aos novos empreendimentos industriais. Em 1930, Getúlio Vargas através de uma Revolução assume o poder, propondo uma estratégia de desenvolvimento nacional autônomo em substituição ao modelo de importação. Para realizar seu projeto, o governante vai precisar das massas urbanas para ampliar o mercado interno⁽¹⁷⁾. Por seu lado a Igreja, já um pouco fortalecida, procura uma maneira de participação ao lado da sociedade sem afastar-se do Estado. A sociedade que antes era esquecida começa a questionar o Estado levando o governo a organizar-se através de alianças, abrindo concessões as reivindicações

populares. Esta postura do governante reforça a autonomia do Estado e fortalece a sua pessoa que dá início assim ao Período do Populismo (...) cujo governante estabelece uma Política Trabalhista (...) ⁽¹⁸⁾. A Igreja por seu lado mantém os fiéis que servirão de matéria-prima do governante e ao mesmo tempo ela se torna populista.

Betiato reforça a figura de Vargas como sendo: "um político populista que conduziu a nação de uma maneira autoritária. Escolhido pelos militares em 1930, foi por eles deposto em 1945. Afastado do poder volta em 1950 para suicidar-se em 1954" ⁽¹⁹⁾.

Beozzo confirma que a Conjuntura de 30 foi dominada pela questão social. (...) e três grupos exercerão papéis muito importantes: os tenentes, a Igreja e o proletariado ⁽²⁰⁾.

Vemos então a configuração do período que vai de 1930 a 1945, como sendo uma etapa de nossa história de maior efervescência política e social em que mudanças sérias irão operar-se no país, sobretudo com a classe trabalhadora que começa a ganhar espaço se organizando.

Para motivar a sociedade e o Estado, a Igreja apela para as mobilizações das massas com objetivos definidos: participar da constituinte e conseguir suas reivindicações na Constituição de 1934. Em 1931 prepara a procissão de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil a

partir desta data, porque antes eram dois padroeiros: Nossa Senhora da Glória e São Pedro de Alcântara, além da inauguração da estátua do Cristo Redentor. Depois de tudo isto, a Igreja por intermédio de Dom Leme entrega ao governante a lista das suas reivindicações⁽²¹⁾.

Ao ser criada a LEC, a Igreja objetivava implicitamente participar da política do país com uma finalidade dupla:

a) instruir, congregar e alistar eleitores católicos;

b) assegurar aos candidatos sua aprovação e os votos dos fiéis com a condição de defender os princípios católicos na Assembléia Constituinte.

Outro ponto em que ela se firmou foi no direito do voto feminino que na afirmação de Beozzo *"essa batalha foi para que a Igreja, se apoiasse quanto a legislação familiar e escolar e o fim do laicismo na Constituição"*. Segundo o mesmo autor, a Igreja cerca o Estado em três pontos: a família, a escola e as forças armadas.

Diante de tão grande eficácia política, Getúlio Vargas não vacilou e reconheceu a necessidade de ter a Igreja como sua aliada, consagrando na Constituição de 34 suas prerrogativas:

- o preâmbulo do Novo Testamento;

- o casamento religioso, com a lei civil;
- a proibição do divórcio;
- a educação religiosa facultativa nas escolas públicas;
- financiamento para escolas, seminários e hospitais da Igreja.

1934 | Enfim, Igreja e Estado entenderam-se e ela passa a fazer parte do bloco do poder⁽²²⁾.

Vemos assim, nesta união em que ambos se beneficiam, uma demonstração de um Pacto em que pela primeira vez a Igreja no Brasil reúne todas as instâncias ao seu redor, porém ela continua subordinada à Santa Sé e ocupando uma posição superior. Neste caso a Santa Sé e o Estado são participantes menores e interessados nas mudanças que surgirão.

Estado Novo

Chega 1937 e com ele a implantação do Estado Novo por Vargas, que domina o país até 1945.

Esse Estado Novo foi uma Ditadura e trouxe mudanças radicais no campo político e na administração pública, muito bem arquitetada por Vargas que já vinha no poder desde 1930.

Basbaum afirma que: "Um governo que não tem uma classe social econômica que domine os meios de produção só pode governar pela força". Período de transição no processo

histórico, em que foi derrubada a aristocracia rural do café e não havia uma classe ou grupos de classes fortes para substituí-la. A influência inglesa foi trocada pela americana e Getúlio hesitou nesse período entre os dois grupos imperialistas. O coronel, representante autêntico dos latifundiários decadentes, embora em parte derrotado em 1930, continuou dominando a política local, sobretudo na Região Nordeste. Apesar de perder àquela força que elegia os Presidentes da República por falta de eleições, ainda tinha poder suficiente sobre os latifúndios⁽²³⁾.

Com o Estado Novo surge portanto o corporativismo com base no autoritarismo, por outro lado há a regulamentação de "leis trabalhistas", criando o salário mínimo em cumprimento as "leis de acumulação capitalista"⁽²⁴⁾.

—
Lançada a Nova Constituição de 1937, outorgada e baseada na Constituição da Polônia, Vargas cria os dois órgãos repressores que lhe sustentarão no regime: o DASP (Departamento Administrativo do Serviço Público) e o DIP (Departamento de Imprensa Pública).

falava A Igreja nada fez para impedir o Golpe de 37 e viu muita eliminação nessa Constituição dos seus direitos ganhos na Constituição de 34. O Estado apenas mantém com a Igreja um compromisso diplomático ou oficial embora que na prática continuaria algumas prerrogativas. Por seu lado a Santa Sé

propôs uma Concordata que a Igreja no Brasil não aceitou para gozar um pouco de "liberdade" e atuar junto aos intelectuais católicos encabeçados por Alceu de Amoroso Lima, através da Imprensa Católica.

Três problemas ameaçavam a hegemonia da Igreja: o protestantismo, o espiritismo e a questão social. O protestantismo tornou-se o ponto chave das classes subalternas, o espiritismo dividido entre Kardecistas que atuavam na classe média e os cultos afro-brasileiros nos meios mais pobres. Quanto a Questão Social ainda continuava sem muitos avanços.

Querendo atingir a classe mais pobre, a Igreja não compreendia ou não queria compreender que era preciso abandonar o seu universo elitista e culturalista, o que não acontecia. No Concílio Plenário entre a Igreja e o Estado o povo não participou; a realidade brasileira ficou fora desse contexto com sua cultura e sua história que não era observada e nem trabalhada⁽²⁵⁾.

Falecendo o Cardeal Leme em 1942, que vinha conduzindo muito bem os trabalhos da Igreja desde 1916, seu sucessor foi Dom Jaime de Barros Câmara mais conservador e menos dinâmico nas propostas sociais. Os Círculos Operários começam a se multiplicar graças ao pacto populista com a finalidade de diminuir a influência da esquerda no operariado. Dos Colégios Católicos cria-se a primeira

Universidade Católica no Rio de Janeiro (1942) e em São Paulo (1946)⁽²⁶⁾.

Nessa época (35 a 45), ocorre a segunda Guerra Mundial (36 a 45), onde o Brasil participa ao lado dos aliados alcançando vitórias, enquanto isso o clima político é bastante tenso e as Forças Armadas estão desconfiadas que o governante não queira sair do poder embora ele tenha marcado a data das eleições para dezembro de 1945. Apesar disto, ele foi deposto em outubro de 1945.

Nessa conjuntura de 1937 a 1945 situam-se as conquistas das classes assalariadas:

- em 1940 cria-se o Salário Mínimo;
- em 1943 a Consolidação das Leis Trabalhistas.

Afirma Octávio Ianni que estas conquistas tinham objetivos determinados: *"preservar a classe operária de uma pauperização drástica e ao mesmo tempo manter as relações de produção em conformidade com as exigências econômicas em desenvolvimento"*.

Ainda nessa Conjuntura surgem problemas no campo, dando início à atuação das Ligas Camponesas com forte predomínio na Região do Nordeste, em contraposição aparecem os Sindicatos organizados pela Igreja além de outros movimentos que serão abordados na próxima unidade, apenas algumas considerações⁽²⁷⁾.

1.3 - Uma Igreja Renovada na Redemocratização do País (1945-1960)

O período que passaremos a analisar é riquíssimo de mudanças na organização e ideologia da Igreja com grandes reflexos nacionais e internacionais.

Na conjuntura que inicia em 45 até 60 tivemos vários governantes o que representa a antítese do período anterior de 30 a 45 onde o governante desenvolveu uma política bastante paternalista objetivando controlar a sociedade. Esta política governamental não ajuda o povo de uma maneira correta, não o faz sujeito da sua própria história, ela apenas reforça o sistema capitalista na sua expansão imperialista⁽²⁸⁾.

Não nos deteremos nas ações destes governantes e sim mostraremos o trabalho da Igreja nesse contexto que é mais interessante e mesmo porque sua ação está inserida em cada governo. Apenas citaremos os nomes dos governantes e suas características de governo: Eurico Gaspar Dutra - governo conservador (1946-51); Getúlio Vargas - nacionalista e populista (1951-54); João Café Filho - completa o período anterior (1954-55); Juscelino Kubitschek - desenvolvimentista (1956-61); Jânio Quadros - bem votado e frustrado (1961-...) e João Goulart (Vice) - governo reformista (1961-64)⁽²⁹⁾.

No período preparatório para as eleições depois da deposição de Vargas, a Igreja recorre mais uma vez ao trabalho da LEC visando sua participação na Constituição de 1946 e consegue êxito nas suas reivindicações, inclusive: o ensino religioso facultativo nas Escolas Públicas, assistência religiosa às Forças Armadas e Estabelecimentos oficiais, manter a relação diplomática entre o Estado brasileiro e a Santa Sé. Seu relacionamento com o Estado melhorou bastante.

Alguns segmentos, aliás os mais importantes do Catolicismo brasileiro, desejavam uma política social progressista e a Igreja ia se renovando tornando-se importante protagonista na história contemporânea brasileira. Desdobrou-se em virtualidades internas, envolvendo-se com os processos econômicos, políticos e sociais mais abrangentes da sociedade e até se envolveu com o Estado. Soube se impor e passou a dar prioridade à dimensão da ética-social que foi o cerne da vivência religiosa. Tornou-se mais aberta aos fiéis, porém com tantas mudanças repentinas o episcopado dividiu-se em duas dimensões: espiritual e social ou seja: conservadora e progressista. Esta situação já vinha acontecendo de longas datas só que de uma maneira implícita, porém neste momento não foi fácil esconder a realidade por isto seu envolvimento histórico era ambíguo em manter sua unidade institucional cujos segmentos portavam diferentes ideologias. Nesta década



a Igreja ia refazendo sua identidade, ia amadurecendo "pregava o amor ao próximo e a trajetória do Reino de Deus aqui na terra numa dimensão escatológica"⁽³⁰⁾.

Em 1947 o governo Dutra deflagra uma campanha contra o Partido Comunista e a Igreja lança uma Pastoral: exame de consciência "que questionava o povo católico quanto aos males sociais que estavam acontecendo, males estes que iam aumentando no período da guerra fria"⁽³¹⁾.

Estes males eram: infanticídio, limitação da natalidade, crise de fidelidade, confusão em torno da liberdade e democracia, choques de interesses, inversão de valores, comunismo ateu, burguesia materialista além da mediocridade cristã.

O Partido Comunista foi colocado na ilegalidade e o Cardeal apontava-o como sendo mais perigoso, agindo na clandestinidade⁽³²⁾.

A situação ficou bem clara: o Comunismo no momento era o principal adversário tanto da Igreja como do Estado que se uniram na defesa nacional.

As massas pauperizadas tanto da cidade como as do campo estavam ameaçadas pela infiltração comunista e a Igreja teve que dar prioridade ao fiel leigo para servir de intermediário e entrave na competição.

É a vez dos trabalhos militantes dos intelectuais leigos atuando em seu meio, porém muito ligado a hierarquia religiosa. Entrava em cenário a Ação Católica Especializada chefiada por Dom Helder Câmara, bispo auxiliar do Rio de Janeiro, com um novo projeto bastante movimentado, espalhando-se pelas Dioceses do Brasil. Era necessário a união dos bispos para enfrentar a complexidade dos problemas⁽³³⁾.

A Ação Católica no Brasil era apoiada nos moldes italiano de Pio XI porém na direção de movimentos especializados era o modelo francês.

Mais tarde Dom Helder e o Padre José Távora articulam e organizam a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) em 1952.

Márcio Moreira Alves afirma que os dez primeiros anos da CNBB foram dominados por Dom Helder que era uma pessoa carismática, una, excepcional, com grande abertura aos problemas políticos e sociais, adaptado às mudanças com um particular misticismo: confiar demais na mão de Deus. Dos dez fundadores da CNBB, sete era nordestinos, porém o mais progressista era Dom Helder.

Chamou-nos atenção a maneira como Marcio falou sobre Dom Eugênio de Araújo Sales: *"autoritário e pouco aberto ao diálogo, tornou-se grande defensor da união com os militares colaborando com a Ditadura"*⁽³⁴⁾.

A Igreja, como já foi visto, saiu mais de si e parte para o encontro com as camadas populares, mantendo-se numa ofensiva em várias frentes. Dividiu seu trabalho entre o meio rural e o meio urbano. No meio rural estava acontecendo sérios conflitos trazendo riscos ao Catolicismo tradicional que lutava pela preservação do homem no campo contra os males da cidade levados pelos agitadores sociais.

Segundo Beozzo tudo não passava de uma situação idílica o que faltava era terra para o trabalhador e uma legislação que garantisse seus mínimos direitos, porque o trabalhador da cidade já era amparado por leis com um salário adequado. Nesta situação, entre o meio rural e o urbano, surge o populismo eclesiástico onde bispos e padres se fazem populistas com um cristianismo militante. As Paróquias ganham mais espaços, as obras sociais se espalham, a Igreja colabora com o Estado e pede liberdade para o seu trabalho assistencial, ampliando sua rede de influência, detendo o controle das instituições de ensino, saúde e até de Comunicação. Se no governo de Vargas ela era sua forte aliada, a partir de 50 ela foi utilizada pelo governo para dar prosseguimento ao seu planejamento como foi no "Pacto do Nordeste". Nesta conjuntura já não era só questionado o Comunismo mas também o Capitalismo na maneira como ele se processava sobretudo nos países do terceiro mundo, considerados subdesenvolvidos ou em processo de

desenvolvimento. O "*Pacto do Nordeste*" foi algo especial que abordaremos no próximo capítulo.

O Vaticano estava vigilante quanto aos acontecimentos e a posição da Igreja nos movimentos. Na primeira Conferência Geral do Episcopado Latino Americano (CELAM) no Rio de Janeiro em 1955, foram apontados como os mais perigosos inimigos da Igreja: o protestantismo, o comunismo, o espiritismo e a maçonaria. Queixava-se Pio XII da pouca divulgação da Doutrina Social da Igreja sobretudo entre os operários.

O Marxismo começa a empolgar os meios Universitários e partia para os sindicatos operários⁽³⁵⁾.

Chega 1960 e com ele o fim do governo Kubitschek e seu desenvolvimento industrial que os economistas chamam de "*substituição de importação*" isto é: um período em que o país começa a produzir bens industriais de consumo, as exportações perdem um pouco de sua importância e as regiões se articulam porém não se integram. Esta Conjuntura é muito marcada pela "*auto-análise e pela introspecção*", é também o ano da Consolidação da Revolução cubana dos seus primeiros conflitos com os Estados Unidos⁽³⁶⁾.

Na primeira metade dos anos 60, os bispos, padres, freiras e leigos se engajam em lados diferentes ou opostos porém compartilhando da mesma mentalidade intransigente.

Isto repercutirá no projeto pastoral da Igreja no Brasil nos anos após 1964, após o Vaticano II⁽³⁷⁾.

1.4 - Igreja e Estado no Golpe de 64

No início do governo de Jânio Quadros foi criado o MEB (Movimento de Educação de Base) num acordo entre a CNBB e o Presidente da República. Como isto se deu? Segundo Marcio Moreira, *"em 1960 Jânio Quadros fez uma viagem eleitoral a Aracaju e lá encontrou-se com Dom José Távora que lhe informou o funcionamento do sistema local de educação pelo rádio e os projetos da nova organização da Igreja, a RENECA (Rede Nacional de Emissoras Católicas), para propagá-lo por todo o Nordeste. Isto interessou bastante a Jânio Quadros que viu duas vantagens que lhe ajudariam politicamente: agradar aos bispos e penetrar no meio rural nordestino. Os bispos se consultaram e viram que não havia problema nessa ligação, então Dom Távora aceitou sua ajuda"*.

Após ser eleito com uma esmagadora maioria da história do país, o Senhor Jânio Quadros precisava consolidar alianças pessoais. A 21 de março de 1961 assinava o acordo, que era o seguinte: a CNBB forneceria os quadros e a organização, e o governo daria o dinheiro necessário.

No MEB (Movimento de Educação de Base) era significativa a presença e atuação de membros da Ação Católica com especialidade à JUC (Juventude Universitária Católica). Por um lado a Ação Católica com seu projeto

transformador e do outro lado a TFP) (Tradição, Família e Propriedade) ligada ao Capitalismo liberal que mais tarde entraram em choques⁽³⁷⁾.

Com a renúncia de Jânio Quadros assume Jango (Vice) que não era bem acolhido pelos militares. A Igreja à época se tornou um campo de batalha ideológico e talvez um canal muito importante para doutrinação ao lado das Forças Armadas e do complexo IPES/IBAD.

Segundo Dreifuss ela era uma estrutura verdadeiramente nacional que atingia a classe média, estudantes, intelectuais, movimentos femininos organizados sem se falar nos militares, na classe operária do campo e da cidade. Este governante defendia as reformas de base: reforma agrária, fundiária, tributária. Essas idéias incomodavam a classe média e a burguesia industrial, sobretudo às ligadas as multinacionais. Era grande a agitação. Os estudantes da UNE (União Nacional dos Estudantes) apoiavam as propostas de Jango e enquanto os militares achavam que a ordem estava ameaçada e o povo depositava a esperança em dias melhores.

Além da JUC, a JOC (Juventude Operária Católica) e a JEC (Juventude Estudantil Católica) que foram tidas como reformistas, atuava também a AP (Ação Popular) tida como uma frente política multissetorial saída em sua maioria da JUC formando uma ala bastante radical. A Igreja tinha um grande

número de Sindicatos sobretudo no Rio Grande do Norte, porém nenhum na Zona Úmida da cana-de-açúcar onde atuavam as Ligas Camponesas lideradas por Julião.

A metade dos Estados brasileiros participava dos movimentos sindicais da Igreja: o SAR (RN) o SORPE (PE), a FARG (RS) em oposição ao MASTER (de Brizola), a FAP (SP), a FAG (GO).

A ESG (Escola Superior de Guerra) foi outro componente de grande atuação na vida política do país⁽³⁸⁾.

O país foi acometido por um terror psicológico que aos poucos atingia a população, embora de uma forma primária de apresentação sobre o Comunismo como:

- a) Em regime terrorista;
- b) O Brasil seria um República Sindicalista;
- c) As Igrejas seriam fechadas;
- d) As terras seriam desapropriadas, enfim uma série de advertência até mesmo afirmações tais como: "os comunistas *comem as criancinhas*". Começavam explosões de bombas, os muros riscados com dizeres os mais incríveis e até a sede da UNE no Rio de Janeiro foi incendiada e atribui-se este terrorismo aos próprios estudantes.

O governador Carlos Lacerda, segundo Basbaum era que implantava mais o terror através do seu chefe de polícia o Coronel Gustavo Borges. Isto tudo concorria para que o pânico se espalhasse por São Paulo, Rio e Minas e daí para o

resto do país chegando a prejudicar as transações comerciais. Os Bancos não esprestavam dinheiro, os industriais tinham medo de falar aos seus operários, enfim isto era apenas o início do conflito ideológico.

Todos esses acontecimentos atribuíam-se a Jango e que só iria terminar esta angústia, este clima de pavor com a derrubada do seu governo e tornava-se urgente que isto acontecesse⁽³⁹⁾.

O Presidente sem o apoio político legal apela para o povo e promove um comício a 13 de março de 1964 onde reuniu milhares de pessoas no Rio de Janeiro. Ali ele expôs suas idéias de governo: reforma agrária, tributária, eleitoral, pureza democrática, o voto do analfabeto, justiça social, emancipação econômica, enfim o progresso tão esperado. Este comício era uma ameaça concreta à democracia de que: "*a U.R.S.S invadia o Brasil*"; este foi mais um dos slogans da imprensa.

Este comício teve sua resposta com uma "*Marcha*" em São Paulo no dia de São José: 19 de março. Esta Marcha foi organizada por alguns deputados paulistas, alguns grupos religiosos católicos, todos de terço na mão inclusive o governador de São Paulo o senhor Ademar de Barros que ia à frente conduzindo a marcha que se chamou "*Marcha da Família com Deus pela Liberdade*" indo se concentrar na Praça da Sé

dando a impressão que a hora chegava ao fim, restava rezar⁽⁴⁰⁾.

Entendemos então que a Igreja representada por seus fiéis usa esse tipo de mobilização popular como um ato de protesto com determinados objetivos e consegue impressionar as classes dirigentes como foi o caso acima descrito.

Aproveitando a oportunidade, aglutinavam-se a estas Marchas os adversários políticos do governo com outras organizações inclusive a CAMDE (Campanha da Mulher pela Democracia) financiadas pelas grandes empresas norte-americanas e pela CIA.

A Igreja realmente foi pressionada pelos associados do IPES/IBAD e pela Opus-Dei que portavam em seus quadros muitos religiosos. A PUC era um canal de penetração nas classes médias e também em parte era financiada pelo IPES. A ACM (Associação Cristã de Moços) muito envolvido em assuntos políticos, atividades esportivas e culturais mostrava-se atemorizada pela situação comunizante que ia ficar o país.

Havia até grupos de escoteiros liderados pelo Frei Daniel; a FACUR (Fraterna Amizade Cristã Urbana e Rural) foi outra representação de propaganda anti-comunista⁽⁴¹⁾.

Tyngge 2, a representativa
unidade ideológica,

29

Vimos anteriormente que a Igreja estava dividida em conservadores e progressistas, mesmo a Ação Católica Brasileira que havia originado a CNBB já estava trazendo inquietação generalizada na Igreja fazendo alguns bispos descontentes.

Ora, a JUC convivia com a UNE que havia levantado a bandeira vermelha e recebia sérias advertências para não se envolver com o movimento camponês de Francisco Julião e o Movimento Cultural Popular.

As Forças Armadas também estavam divididas, entre elas, nunca houve uma unidade ideológica.

Tudo isto contribuía para a situação conflitante do país e aumentar mais as adesões contra Jango que nem com o apoio do povo ele pôde contar. Este povo assistia aos acontecimentos, perplexos sem nada entender da tomada do poder pelos militares - (31-03-1964).

A Igreja como Instituição fazia parte do bloco do poder e muito contribuiu para o Golpe, com suas Marchas, seus grupos cristãos organizados, embora apenas com sua ala dissidente que era mais forte e tinha maior peso político-ideológico. A Teoria Social tão falada, foi abandonada por quem chegou no poder⁽⁴²⁾.

Como se pode notar, ela estava bastante envolvida nos grupos de ação política: IPES/IBAD, Opus-Dei, ADEP que



era um canal do IBAD nas pessoas de vários religiosos como o Padre Velloso, o Padre Crippa Calazans, Lebret e outros sem se falar nos intelectuais católicos de grande influência como Gustavo Corção ligado a Opus-Dei, uma poderosa organização católica, semi-secreta e tradicionalista, fundada em 1928 pelo Padre espanhol José Maria Escrava de Balaguer⁽⁴³⁾.

Toda esta articulação era formada de intelectuais capacitados para levar o IPES numa posição centrista bem forte. Foi levado a efeito o Golpe Militar de 31 de março de 1964.

Octavio Ianni informa sobre este assunto que:

"Este Golpe tinha os seguintes objetivos:

a) Afastar a tomada do poder pela esquerda ou pelos nacionalistas exaltados;

b) Controlar a inflação;

c) Reintegrar o Brasil no Sistema Capitalista Mundial;

d) Restaurar a integridade e a integração dos poderes políticos e econômicos pondo fim a democracia populista. Só que esta democracia fundamentada na 'política de massas' trouxe uma cultura urbana diferente e mais nacional, porém trouxe também contradições econômicas, políticas e sociais surgindo as organizações de esquerda que foi uma ameaça do poder político burguês⁽⁴⁴⁾.

O movimento jucista aos poucos foi se desorganizando e o Golpe lhe atingiu profundamente. A Hierarquia ficou calada. Individualmente alguns bispos entre eles D. Cândido Padim, tenta defender os militantes que foram presos, mas a repressão continuava.

Assassinatos, prisões, torturas de padres assistentes da ação Católica, Dom Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix (Mato Grosso), defensor dos posseiros é constantemente ameaçado de expulsão por ser da Espanha, Dom Adriano Hipólito foi seqüestrado (Nova Iguaçu) e jogado na rua, nú, Dom Valdir Calheiros foi processado na Justiça Militar por denunciar as torturas inflingidas a alguns diocesanos etc. Estava tudo muito bem controlado pelas Forças Militares, nenhuma notícia podia circular sem passar pela censura dos "donos do poder"⁽⁴⁵⁾.

Dom Helder é duramente perseguido não só pelas idéias progressistas mas por não celebrar as missas do primeiro e segundo aniversário do Golpe, alegando que "*não se trata de uma cerimônia religiosa e sim de uma reunião cívica-militar*". A partir de 66 foi aberto o conflito entre a Igreja e Estado. Dom Helder é afastado por Castelo Branco trazendo muita revolta, sobretudo, nos meios mais pobres, desenvolve-se um abaixo-assinado contando com 20.000 assinaturas em todo país, solidárias com o bispo.

Em 1968 a Igreja retira-se, rompe com o regime e vai refletir à luz do Vaticano II⁽⁴⁶⁾.

NOTAS

- (1) MIRANDA, Júlia. O poder e a fé. p. 23
- (2) SOUZA, Beatriz Muniz. Católicos, Protestantes e Espíritas. p. 12-13.
- (3) MIRANDA, Júlia. Op. cit., 23
- (4) BOFF, Leonardo. E a igreja se fez povo. p. 41
- (5) ARNS, Paulo Evaristo. O que é igreja. p. 14-15
- (6) IANNI, Octavio. Classe é Nação. p. 57-58
- (7) BUARQUE, Aurélio. Dicionário
- (8) Id. *ibid.*
- (9) CHAUI, Marilena. O que é ideologia. p. 127
_____. Política cultural. p. 25
- (10) MIRANDA, Júlia. op. cit., p. 28-29
- (11) Id. *Ibid.* p. 30
- (12) BETIATO, Mario Antonio. Da ação católica à pastoral da juventude. p. 17-18.
- (13) PEREIRA, Nilo. Conflitos entre a igreja e o Estado no Brasil. p. 260-268.
- (14) PINTO, Maria Lúcia Leite. Escolas radiofônicas: Ação política e educativa da Igreja Católica no Rio Grande do Norte (1956-1961). mimeo, p. 11
- (15) MIRANDA, Júlia. Op. cit., p. 39.
- (16) BEOZZO, José Oscar. A igreja entre a revolução de 1930: O Estado novo e a redemocratização. In: FAUSTO, Bóris. p. 281-282.
- (17) PINTO, Maria Lúcia. Op. cit., p. 12-13
- (18) WEFFORT, Francisco Correia. O populismo na política brasileira. p. 125-159.
- (19) BETIATO, Mario Antonio. Op. cit., p. 30.
- (20) BEOZZO, J. O. Op. cit., p. 291
- (21) Id. *Ibid.* Op. cit., p. 293
- (22) Id. *Ibid.* Op. cit., p. 304-305-306.

- (23) BASBAUM, Leôncio. História sincera da República (1930-1960). p. 151-157.
- (24) BEOZZO, José Oscar. Op. cit., p. 324
- (25) Id. Ibid. p. 327.
- (26) Id. Ibid. p. 346.
- (27) IANNI, Octavio. Op. cit., p. 56
- (28) MUNDO JOVEM. Porto Alegre, agosto de 1982, p. 21
- (29) SANTOS, Maria Januária Vilela. História do Brasil. Volume 2, p. 158.
- (30) SOUZA, Beatriz Muniz. In: FAUSTO, Boris. Op. cit., p. 345-346.
- (31) Id. Ibid. p. 351
- (32) Id. Ibid. p. 352
- (33) ALVES, Marcio Moreira. A igreja e a política no Brasil. p. 66.
- (34) SOUZA, Beatriz M. p. 356
- (35) Id. Ibid. p. 356-360
- (36) ALVES, Marcio Moreira. Op. cit., p. 125
- (37) BETIATO, Marcio Antonio. Op. cit., p. 68-69
- (38) DREIFUSS, René Armand. A conquista do Estado. p. 254
- (39) BASBAUM, Leôncio. História sincera da República (1961-67). p. 113-114.
- (40) Id. Ibid. Op. cit., p. 115
- (41) DREIFUSS, R. A. Op. cit., p. 254
- (42) BASBAUM, L. Op. cit., 118-119
- (43) DREIFUSS, R. A. Op. cit., 118-254-288-289 e BASBAUM. L. Op. cit., 114.
- (44) IANNI, Octavio. O colapso do populismo. p. 131
- (45) BASBAUM, Op. cit., p. 114.
- (46) SOUZA, B. M. In: FAUSTO Boris. p. 374-75-76

CAPÍTULO II

2 - VISÃO GERAL DE NORDESTE

Para recuperar a memória histórica do povo nordestino, teceremos algumas considerações sobre a Região, fundamentadas em estudiosos do assunto que nos auxiliaram com sua colaboração.

O Nordeste é lembrado por muitos como sendo uma região subdesenvolvida, marcada pelas secas periódicas, o predomínio dos coronéis com seu voto de cabresto, o banditismo refletido no cangaço e uma religiosidade associada a um misticismo e até em alguns casos tornando-se em fanatismo. Poucos, porém se recordam de que este mesmo Nordeste representou por muito tempo o centro de nossa civilização.

A época da Cultura Açucareira, ela teve seu apogeu, Recife e outras cidades promoviam intercâmbio permanente com a Europa. O açúcar foi a mola que impulsionou uma sociedade com seu estilo característico e sua supremacia muito bem descrita por Gilberto Freire em "*Casa Grande e Senzala*".

Com o passar do tempo, ia surgindo um outro Nordeste suplantado por outras áreas culturais do País. Chegava assim a cultura do café com trabalhadores livres ocasionando a primeira crise na região que aos poucos vai se

agravando tornando a economia muito pobre, muito restrita em detrimento ao Sul do país⁽¹⁾.

Nesta visão deprimente, permeada de contrastes, este mesmo Nordeste desperta, começa a ganhar notoriedade, se internacionaliza, ganha as manchetes de jornais, através das forças populares ou com essas forças iniciando um período histórico, talvez, um dos mais rebeldes que temos conhecimento.

Essa rebeldia era contra as injustiças impostas pelos governantes através de uma Política Econômica defasada, refletindo o descaso pela Região.

Neste contexto entram em cena: políticos, latifundiários, camponeses e semi-camponeses, o povo e a Igreja, reivindicando reformas, sobretudo as sociais⁽²⁾.

As forças populares ameaçam a hegemonia burguesa em escala nacional e espalhadas pelo Nordeste geram conflitos sociais cuja expressão política mais evidente são as Ligas Camponesas de Julião, enquanto paralelamente vão se desenvolvendo os Sindicatos orientados pela Igreja. Esta por sua vez se defronta com os coronéis, senhores de engenhos e usineiros, que pela primeira vez se desentendem⁽³⁾.

Nesta conjuntura a Igreja Católica se posiciona a favor da Reforma Agrária e começa a promover Encontros de Bispos, criação da SUDENE e outros movimentos chamados

populares tendo sua expressão máxima no MEB (Movimento de Educação de Base).

É no Nordeste, portanto que a Igreja canaliza toda sua força na Questão Social de uma maneira abrangente, adaptando-se à sociedade, vinculada à Ideologia desenvolvimentista do governo federal em exercício.

Neste envolvimento as camadas urbanas são tidas como elemento social na política populista e a Igreja compactuando com o Estado, torna-se vanguardista na promoção do desenvolvimento, desempenhando funções que caberiam ao Estado⁽⁴⁾.

Para essas mudanças que estavam ocorrendo na região contribuíram vários fatores, inclusive, a ajuda que a Frente de Recife (1955) prestou, tendo como objetivo, traçar um programa de natureza democrática e nacionalista, elegendo Cid Sampaio para o governo de Pernambuco e Miguel Arraes, prefeito de Recife em 1960 e mais tarde em 1962, Arraes foi eleito governador. Tudo respaldado pelas classes populares que começavam a tomar consciência da realidade ocorrente.

Esta situação de conflito é gerada da debilidade da economia açucareira ocasionando as correntes migratórias intra-regionais que mais tarde eclodirão em movimentos populares merecedores de atenção, sobretudo pelos que detêm o Poder⁽⁵⁾.

O Nordeste então deu oportunidade à Igreja para que ela pusesse em prática seu aprendizado político e social, é o que veremos mais adiante.

2.1 - Concílios e Conciliação - Medidas Pastorais Abrangentes:

A Igreja para acompanhar a sociedade em evolução faz-se necessário reformular-se em suas práticas pastorais adaptando-as às exigências do momento.

Para que essas práticas atinjam seus objetivos, a Igreja Universal propõe normas e valores restando apenas às Igrejas Particulares adotá-las partindo de sua hierarquia: "*a autoridade, o cargo e o prestígio*"⁽⁶⁾.

Essas normas chegam através de Documentos papais, considerados de Magistério da Igreja. Entre esses documentos encontram-se as Encíclicas Sociais destacando-se a "*Rerum Novarum*" de Leão XIII em 1891. Outras aconteceram, porém eram baseadas nessa, que refletia o problema da época sobre o operário e sua situação de miséria e marginalização imposta por um Sistema Econômico injusto em pleno desenvolvimento e expansão nos países ditos Capitalistas.

A sociedade estava praticamente dividida entre a burguesia e o proletariado, nesta perspectiva a Igreja se fundamenta na Justiça e na Caridade usando a Doutrina Social como embasamento para as suas ações⁽⁷⁾.

Além das Encíclicas existem os concílios que acompanham à Igreja desde a sua formação além de Congressos, Sínodos e outros eventos. A partir do Concílio Vaticano I (1870) e Vaticano II (1963-65) a Igreja tem demonstrado uma posição mais favorável ao lado dos pobres marginalizados que anseiam por justiça e com ela a paz. Ela tem se envolvido com a sociedade concreta, desejosa de mudanças mas sempre ao lado do Estado sem perder de vista seu universo religioso e culturalista.

2.2 - Compromisso e Participação no Nordeste Brasileiro

A economia nordestina era baseada no algodão e no açúcar que tiveram seus períodos férteis. Aos poucos sua expansão começou a ser bloqueada, restando apenas o mercado interno regional, por sinal muito fraco. O poder aquisitivo da população sem se contar com os períodos de secas era pouco e com as secas intensificavam-se as migrações sobretudo no período do após guerra (II Guerra Mundial). Estas migrações atingem níveis assustadores ocasionando a vinda de empresas de transportes do Sul para o Nordeste formando uma rede de Agências de passagens conduzindo as pessoas para o trabalho da indústria e da agricultura no Centro Sul do país. Estas pessoas vão formar os cinturões de miséria ao redor das grandes cidades. A esta demanda chama-se Êxodo Rural e os transportes de pau-de-arara que ficaram famosos na década de 40 e 50 sendo cantado em prosa e versos.



Nesta situação predominava uma política assistencialista e filantrópica, aumentando nas épocas de estiagem e cujos beneficiários eram os próprios donos de terra com seu gado aumentando o número dos coronéis.

Itamar de Souza confere à política governamental da Região em duas etapas:

a) do final do Império até 1940 com o predomínio da construção de açudes e barragens pelo IOCS (Inspetoria de Obras Contra a Seca) criado em 1909 e transformado em 1945 no DNOCS, nesta situação a problemática da região era a falta d'água;

b) a partir de 1952 com uma nova política econômica cujo marco inicial foi o Banco do Nordeste do Brasil (BNB) para atuar no polígono das secas (Anexo 2).

Porém, o que serviu de base para a SUDENE foi o GTDN (Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste) em 1956, que estendeu mais a problemática ao Brasil como sendo a "*Desigualdade Regional*". Esta visão também era de acordo com a do presidente Kubitschek para a sua ideologia industrial do seu Plano de Metas⁽⁸⁾.

A Frente de Recife com sua conjugação de alianças entre a burguesia agro-industrial/comercial regional e as forças de esquerda, cooperou para a incorporação do

Nordeste no esquema de expansão capitalista que se desenvolvia no Centro-Sul.

O Partido Comunista ia crescendo nos principais Estados do país vinculado à classe operária obtendo expressivas vitórias eleitorais em São Paulo, Rio, Recife, Santos, Santo André e em outros Centros industriais, sendo bastante combatido pela LEC⁽⁹⁾.

Em 1955, Recife consegue sua autonomia política-administrativa e nessa época os problemas se avolumavam: flagelos das secas, males do latifúndio, deficiências alimentares, dispersão da população, o analfabetismo, etc.

Diante de tanta miséria a Igreja não poderia ficar omissa, reivindica reformas sociais e um tratamento específico para a região.

O problema campesino cresceu rápido durante a década de cinquenta os camponeses dessa vez, se organizavam em associações denominadas de Ligas Camponesas, lideradas por Francisco Julião advogado e político. A Igreja começa a orientar Sindicatos que pareciam mais estruturados.

Nesta fase, a primeira Liga realmente organizada foi a do Engenho Galiléia em Vitória de Santo Antão (PE) em 1955 que se constituiu em um marco histórico para o Nordeste como parte organizacional de uma massa agrária insatisfeita reivindicando: acesso à propriedade da terra, crédito a

juros baixos, assistência técnica-agronômica, etc. Francisco Julião, era tido como um místico para uns, e para outros um demagogo e assim recebia apoio de todos com exceção dos latifundiários.

Estas Ligas se expandiam não só no Nordeste mas no Sul do país, verificando-se uma influência dos movimentos: MASTER e ULTAB.

A Igreja cria o SORPE (PE) numa reunião de mais ou menos 26 padres da zona rural promovida por D. Eugênio Sales, Bispo de Natal.

Dreifuss afirma que os setores conservadores da Igreja passaram a influir nos Sindicatos em 1959, apoiados por D. Eugênio através do SAR (Serviço de Assistência Rural) de cunho essencialmente paternalista, que desde 1949 participou na promoção de limitada mudança social em Natal (RN)⁽¹¹⁾.

Em Pernambuco destacou-se o Pe. Melo em Cabo, ficando tão famoso quanto Julião.

No RN, no Vale do Seridó, teve o Monsenhor Emerson Negreiros, apoiado pelo Bispo de Natal, andou sindicalizando os camponeses e dava assistência dentária e médica. Em questões rurais vários bispos ficaram famosos, além de D. Eugênio destacaram-se D. Avelar Brandão (Teresina), D.

Severino Mariano (Pesqueira), D. José Terceiro (Penedo), D. José Távora (Aracaju)⁽¹²⁾.

O exterior já estava bem informado sobre o problema campesino do Brasil através da CIA, tanto as Cooperativas como o SORPE e o SAR recebiam financiamentos do exterior para neutralizar as rebeliões e impedir qualquer movimento marxista, afirmações de Márcio Alves ⁽¹³⁾. Não resta dúvida, os E.U. compartilhavam com os acontecimentos receosos de uma tomada do poder pelos comunistas que lhe traria muitos prejuízos sobretudo com o não pagamento da dívida externa em que estava envolvido o Brasil.

2.3 - O Parlamento Episcopal Numa Experiência Desenvolvimentista:

A CNBB era formada em sua maior parte por bispos nordestinos que privilegiaram a Região com bons propósitos sociais.

D. Hélder, um dos seus fundadores, já tinha experiência de trabalhos desenvolvidos nas favelas do Rio de Janeiro, formadas por nordestinos e foi fácil reunir à Igreja no Nordeste. para mudar os antigos métodos aplicados no atendimento à Região.

Os bispos do Rio Grande do Norte lançaram uma Carta Pastoral, mostrando a realidade do Estado e contra a

corrupção eleitoral. Esta Carta foi lida no Encontro dos Bispos do Nordeste em Campina Grande (PB).

O Encontro:

Realizado em duas etapas: Campina Grande e Natal.

1 - O Encontro de Campina Grande foi de 21 a 26/05/1956 sendo participado pelos Prelados do Nordeste, além de técnicos de todos os órgãos federais e o INIC (Instituto Nacional de imigração e Colonização).

O temário deste encontro era o seguinte:

- a) O sentido do Encontro no Nordeste;
- b) Planejamento e investimento;
- c) Serviços Sociais e Educativos;
- d) Eletrificação do NE. e a contribuição da CHESF;
- e) Programa de execução imediata;
- f) A Igreja em face dos Problemas do NE;
- g) Conclusões.

Este encontro colocou todo o retrato do NE, questionando os órgãos públicos e até mesmo o próprio clero. Ao término as conclusões foram entregues ao Presidente da República que as transformou em decretos.

O 2º Encontro deu-se em Natal (RN) de 24 a 26/06/1959 justamente após a grande seca de 1958. Participaram Bispos desde a Diocese da Bahia e Norte de

Minas até o Piauí, ajudados pelo economista Celso Furtado nos debates sobre a problemática da Região.

O relatório final constava de:

- a) Educação de base e promoção operária;
- b) Estrutura agrária;
- c) Agricultura e abastecimento;
- d) Saúde, Maternidade e Infância;
- e) As migrações internas.

O encerramento da sessão foi no Teatro Alberto Maranhão que contou com a presença de várias autoridades incluindo o próprio Presidente Juscelino que foi saudado por D. Hélder num discurso muito sincero que pedia inclusive, o compromisso do Presidente para as solicitações reivindicadas.

O auditório aplaudiu entusiasmado, foram tiradas fotografias, etc. (14).

Com estes encontros, os Bispos tornaram-se fortalecidos, em 1956 pelo decreto 40.554 foi criado o CTDN mais tarde transformado em CODENO. Mais tarde surgiu a SUDENE, pela lei 3.692, que, segundo Carlos Garcia "*foi motivado pelo clamor dos famintos da seca de 1958 e pela pressão de seis governadores nordestinos de oposição ao governo federal*".

A sede da SUDENE em Recife e sua ação foi redigida por Planos Diretores Trienais elaborados por Celso Furtado. Marcou uma época no NE embora tenha sido questionada em seu funcionamento e as ligações com a USAID. A época houve ajuda da Aliança para o Progresso, acordos feitos com Cid Sampaio, governador de PE e Aluísio Alves, governador do RN⁽¹⁵⁾.

NOTAS

- (1) SOUZA, Anibal Teixeira. Os bispos no Nordeste e as migrações internas. p. 29.
- (2) GARCIA, Carlos. O que é Nordeste brasileiro. p. 8-9-13.
- (3) OLIVEIRA, Francisco de. Elegia para uma Religião. p. 106.
- (4) CRUZ, Dalcy da Silva. Participação da Igreja Católica na Organização de Sindicatos ... Revista Serviço Social e Sociedade, p. 123.
- (5) SOARES, Arlindo José. A frente de Recife e o governo do Arraes. p. 21-22
- (6) MEDINA, C. A. & OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Autoridade e participação. p. 36.
- (7) FOYACA, Padre Manuel. As Encíclicas Sociais. p. 13.
- (8) SOUZA, Itamar de. Migrações internas no Brasil p. 68-69-70-74.
- (9) SOARES, Arlindo José. Op. cit. p 27-33 A. J.
- (10) ANDRADE, Manuel Correia de. Ligas camponesas e sindicatos rurais do Nordeste. p. 117 a 122.
- (11) DREIFUSS, Armando. A conquista do Estado. p. 299-301-303.
- (12) ANDRADE, Manuel Correia de. Op. cit. p 128. SOARES, Arlindo José Op. cit. p. 260-261-262.
- (13) ALVES, Marcio Moreira. A igreja e a política no Brasil. p. 135.
- (14) SOUZA, Anibal Teixeira. Op. cit. 32-33-34.
SOUZA, Itamar de. A luta da igreja contra os coronéis. p. 34-35.
- (15) GARCIA, Carlos Op. cit. p. 80-81-83-85.
- (16) OLIVEIRA, Francisco de. Op. cit. p. 120-122.

CAPÍTULO III

3 - A IGREJA NO RN E SUA ABERTURA SOCIAL

Acompanhando a história da Igreja verificamos que a Questão Social é muito falada a partir da "*Rerum Novarum*," porém as Igrejas Particulares assumiram esse posicionamento de uma maneira implícita.

No RN, a partir da década de 30, a Diocese de Natal começa a atuar no campo social, motivada pelo movimento de 1930 no país, que trouxe mudanças no quadro político, econômico e social.

Na época de Vargas surgiu o sistema de Interventorias e o RN em um curto espaço de tempo (1930 a 1935), teve cinco interventores e entre eles Mario Leopoldo Pereira da Câmara (1933 a 35). Pertencia a uma família tradicional do Estado e homem de inteira confiança de Vargas, desenvolveu uma boa administração sem preocupações financeiras.

Neste período de Interventoria, os coronéis perderam um pouco de sua força política mas teve sua compensação com o clientelismo, uma espécie de controle social.

Em 1933 surgiu em São Paulo o Movimento Integralista da extrema direita, liderado por Plínio Salgado sob o Lema: Deus, Pátria e Família. Este movimento teve muita receptividade, tornando-se nacional. Na cidade de



Natal, ele não foi bem aceito, apesar da simpatia que inspirou à Igreja por ser mais um aliado contra o Comunismo.

O PCB organizou a ANL (Aliança Libertadora Nacional) e lançou seus protestos contra o Imperialismo e o Fascismo, apelando pelo não pagamento da dívida externa e a nacionalização das empresas estrangeiras. Na noite de 23/11/35 eclodiu em Natal um Movimento Revolucionário, denominado de Itentona Comunista, que instalou um Governo Popular Revolucionário por 3 dias. Na época era governador Rafael Fernandes Gurjão (29-10-35).

Diante deste Movimento, a Igreja começa a usar a imprensa através de seu porta-voz Alceu Amoroso Lima.

Começa a fase do Populismo e a Igreja mobiliza o laicato através da Ação Católica atuando junto aos operários. O Estado por sua vez cuida dos Sindicatos cuja ideologia variava: anarquismo, comunismo e liberalismo. Mais tarde a Igreja também funda Sindicatos no governo de JK e inicia o combate às Ligas Camponesas.

Em Natal, através do Cônego Luís Gonzaga Monte, começa a organização da Juventude Feminina Católica em 1936. Em 1944, falece o Cônego e seu substituto é o Pe. Eugênio de Araújo Sales. Em 1945, D. Eugênio forma a Juventude Masculina Católica. Estes dois Departamentos da Ação Católica passarão a atuar, ajudando aos padres empenhados na promoção humana.

Esses padres eram: Pe. Expedito Sobral de Medeiros, Nivaldo Monte, Alair Vilar e outros⁽¹⁾.

3.1 - A Diocese de Natal no Contexto da II Guerra Mundial - Soluções para a Crise.

A Diocese de Natal, criada em 1901, pertencia até 1914 à Província Eclesiástica da Bahia. Até 1934, quando foi criada a Diocese de Mossoró, a área de abrangência da Diocese de Natal atingia todo o Estado do RN. Em 1952, a Diocese de Natal foi elevada à Arquidiocese.

Enquanto Diocese, teve quatro bispos a saber: D. Joaquim Antonio de Almeida, D. Antonio dos Santos Cabral, D. José Pereira Alves e D. Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas (1929 a 1962), sendo seu auxiliar Eugênio de Araújo Sales que o substituiu após sua morte⁽²⁾.

Participando o Brasil da II Guerra Mundial, Natal tornou-se importante, ganhou manchetes de jornais por causa de sua posição geográfica. Instalada uma Base Aérea, a penetração de estrangeiros e o afluxo de dinheiro (dólar) fácil, a cidade muda de provinciana para assumir características de uma cidade grande.

Alceu Ferrari nos informa: *"tudo aqui corria abundante: firmas, técnicos, novos hotéis, bares e cinemas, criando um grande número de empregos(...)"*⁽³⁾.

crise pós guerra

Porém, terminada a guerra, desapareceu o americano e aos poucos a cidade desperta para a realidade: desemprego, mendicância e prostituição, além da falta de escolas assistência religiosa, água, luz e outras necessidades. A cidade cresceu em população, os antigos bairros foram subdivididos, existia o pavor e a insegurança.

Diante de um quadro tão desolador, a Igreja teve que marcar sua presença com equipes de leigos, voluntários, pessoas desejosas de uma reforma social.

Surge a LBA e o SERAS com objetivos de cuidar das crianças abandonadas e das famílias dos combatentes. Essas foram as primeiras soluções para a crise que se abateu sobre a cidade.

Partindo dessas iniciativas foram surgindo: o CES (Centro de Estudos Sociais), a ESS (Escola de Serviço Social) - 02-06-1945. Estava iniciada assim um trabalho que se estenderia pela década seguinte, a Igreja não parou. Era grande o entusiasmo das pessoas envolvidas no trabalho como maior era a alegria dos beneficiados.

O Centro de Estudos Sociais foi muito válido numa época em que já era tempo das pessoas se interessarem pelos estudos, dentro de uma realidade social, para atuarem no meio em que viviam.

*A Assistência Social da
Igreja nasce no pós-guerra.*

53

Foram preparadas equipes que se espalhavam pela cidade: fazendo pesquisas e tomando contato com a população, ouvindo seus reclamos para depois elaborarem seus projetos, sobretudo assistenciais.

A primeira Diretoria do CES era: Presidente - Aluísio Alves; Vice - Otto de Brito Guerra e membros Monsenhor João da Mata Paiva, Raimundo Nonato, Alferes Galdino e outros interessados e estudiosos.

A LBA tinha seu Centro no Rio de Janeiro sob a presidência da primeira Dama: D. Darcy Vargas - (15-10-1942). Aqui no Estado, ela surgiu no governo de Rafael Fernandes sendo, a seguinte Diretoria:

Presidente - Leoníla Xavier Fernandes

Secretário - Aluísio Alves

Advogado da LBA - Otto Guerra⁽⁴⁾

Neste contexto, a Igreja inicia suas obras dentro, da cidade desde o centro a periferia.

3.2 - O Movimento de Natal

A igreja para se adequar aos novos tempos inicia Ações Sociais e Culturais na cidade de Natal a partir de 1948. Estas Ações espalharam-se pela cidade e depois também atingem alguns interiores. Foi uma movimentação intensa envolvendo dois padres: Pe. Nivaldo Monte e Pe. Eugênio de

Araújo Sales, duas personalidades diferentes unidas pelo desejo de trabalhar, isto no início do Movimento.

No desenvolvimento deste Movimento aconteceu a divisão em duas fases: Urbana e Rural.

Na fase Urbana duas linhas se encaminhavam: a JFC (D. Nivaldo) e JMC (D. Eugênio), a fundarem: Escolas Ambulatórios, Clubes de Mães, Casa da Criança, Centros Sociais, a Escola Bom Pastor (menores transviadas), Instituto Estevão Machado, etc.

O Dr. Otto de Brito Guerra teve um destaque no Setor de Homens da Ação Católica, era seu presidente, professor de Sociologia, versado em Doutrina Social da Igreja e um estudioso dos problemas sociais regionais, colaborador e assessor de D. Eugênio⁽⁵⁾.

Na fase rural, foi criado o SAR (Serviço de Assistência Rural) em 1949 - órgão coordenador de ação educativa no campo. Para melhor expandir este trabalho, D. Eugênio inaugurou a Emissora de Educação Rural - 10-08-1958.

Iniciam as aulas radiofônicas baseadas numa experiência na Colômbia desenvolvida através da Ação Popular. O rádio passou a ter sua importância, tornando-se um grande instrumento de poder de comunicação das massas.

O RN foi pioneiro das aulas radiofônicas no Brasil e se estendeu à Aracaju.

Radio

O período áureo desse movimento foi de 1958 a 1963 se caracterizando por intensos debates ideológicos, questionando as estruturas sócio-econômicos vigentes.

Era um programa extenso compreendendo: educação de Base, Sindicatos, Cooperativas, Clubes de Mães e de Jovens, Formação de líderes políticos e religiosos, cuja função era correlacionada com a modernização da sociedade brasileira⁽⁶⁾.

Esse posicionamento assumido pela Igreja Católica em Natal aumentou suas bases no RN, tornando-a conhecida mundialmente.

3.3 - A política no RN - Um Caso Específico de Populismo de 1960 a 1964.

Natal, cidade que havia crescido assustadoramente tendo como pano de fundo a II Guerra Mundial e sua participação no conflito do Atlântico Sul estava vivendo momentos agitados. Aliás, o país, nos anos 60 viveu intensa mobilização popular de Norte a Sul. Todos desejavam Reformas e o Populismo estava em crise.

As greves cresciam em decorrência do capitalismo no seu processo dialético, que, para permanecer como Sistema Viável, sacrifica os países periféricos: Ásia, Africa e America Latina.

Natal, cidade absorvida pelos trabalhos da igreja como solução para a crise, ainda não oferecia condições de concentração operária de grandes proporções. As idéias socializantes não estavam sendo assimiladas, mesmo porque a Igreja com seus padres progressistas se baseavam na Doutrina Social contida nas Encíclicas papais.

A esquerda nacionalista, aproveita e forma Comitês em torno de algumas bandeiras políticas.

No final de 1950 para 1960 o descontentamento popular no Nordeste é grande e as movimentações se intensificam.

Em 1956 a oposição ganha no RN e em 1958 na Bahia e em Pernambuco. Nesse ano (1958), Miguel Arraes chega a Prefeitura de Recife; Djalma Maranhão a Prefeitura de Natal - 1956 -, no governo de Dinarte de Medeiros Mariz.

Em 1960 a oposição volta a vencer em Natal elegendo Aluísio Alves para governador e Djalma Maranhão para Prefeito.

Com estes governantes chamados de populistas as forças democráticas abriram um espaço maior no Nordeste⁽⁷⁾.

O RN pela sua condição econômica e social ofereceu condições para um governo populista. O início do processo de industrialização pela SUDENE e a energia de Paulo Afonso

questionavam as oligarquias rurais dominantes. Era uma saída para a industrialização e uma mudança no bloco do poder.

A nível federal o Populismo entrava em crise enquanto no Nordeste, ele começava com uma forma peculiar de procurar o voto popular. Usou muito bem o meio de comunicação inaugurando uma nova maneira de fazer política no Estado. Conquistou a adesão do grosso empresariado industrial, dos comerciantes, sobretudo os urbanos, além das classes populares, operários, estudantes e a classe média urbana. Apresentava-se como um homem pobre por não pertencer a nenhuma grande oligarquia, contra os poderosos - era o salvador do Estado.

O povo estava entusiasmado com o seu líder, não havia mais sossego. As passeatas iam pela noite a dentro e tinham como símbolo a bandeira verde e o seu bloco de: *Cruzada da Esperança*. O povo correspondeu nas urnas com 121.076 votos, seu adversário e protegido de Dinarte Mariz foi Djalma Marinho. Político, muito bom de oratória e tinha a máquina administrativa a seu favor, a cor de sua bandeira era o vermelho, a cor da Aliança Liberal.

Aluísio assume o poder do Estado a 31-01-1961, e Djalma Maranhão assume a Prefeitura. Esta coligação não durou muito, as esquerdas que lhe apoiaram, logo se decepcionaram.

Ele não deu apoio à candidatura de Djalma Maranhão para o Senado, preferindo apoiar Teodorico Bezerra e o Monsenhor Walfredo Gurgel que era o Vice-Governador, ficando, Djalma no quinto lugar.

Realizou um governo de compromissos, quase sempre voltado para os mais carentes. Tudo o que foi cantado no hino da campanha, como suas metas, ele realizou, não mediu esforços porém se alguém não concordasse ou quisesse colocar impecilhos nos seus atos a perseguição tomava conta. Coitado do funcionário de adversários políticos! Foi o terceiro governante a usar esses meios.

Usou para isto os poderes conferidos pelos atos institucionais dos militares, aliou-se a nova ordem que foi implantada no país até ser cassado em 1969⁽⁸⁾.

3.4 - Os Movimentos Populares

Natal viveu intensamente os movimentos ditos populares. A Ação Católica já mostrava ares de divisão em seu Departamento quando a JUC (Juventude Universitária Católica) em seu Congresso Nacional (1961) fez aliança com o PC e os independentes da UNE. Formados de universitários com um certo conhecimento político e ideológico mostrava-se favorável as idéias socialistas-marxistas.

A Igreja bastante conservadora iniciava suas advertências. O MEB criado pela Igreja em parte era ajudado

pela JUC que passou a atuar no meio operário e difundir sua ideologia. Nesta situação surgiu a Ação Popular com movimentos bem modernos de educação. Seus integrantes, em sua maioria, pertencentes à Ação Católica apoiavam e recebiam apoio das forças populares que concordavam com sua propostas inovadoras para uma mudança social. Formaram uma Frente Democrática e iniciaram uma política de cultura popular no RN. Houve a participação de Evangélicos (presbiterianos, batistas, pentecostais e até espíritas).

A UNE fazia-se presente nos movimentos sobretudo na Campanha de Pé no Chão também se aprende a ler liderada pelo Prefeito Djalma Maranhão e coordenado pelo Secretário de Educação do Município o Prof. Moacyr de Góes.

Em 1963, houve em Recife o primeiro Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular. A experiência de Paulo Freire foi outro movimento que surgiu em Recife e veio para Angicos, a convite do governador Aluísio Alves.

Era um método que além de Alfabetizar ele conscientizava, encarava a educação como prática libertadora. Seu fiel representante ou seja auxiliar foi Marcos Guerra, filho do Dr. Otto Guerra.

Na conjuntura atual, Marcos é o Secretário de Educação de José Agripino. Ele era presidente da UEE (União Estadual dos Estudantes) em 1962, cujo adversário era



Diógenes da Cunha Lima, líder da direita do Movimento Estudantil Universitário⁽⁹⁾.

Por que tantos Movimentos de Educação em Natal? Porque à época, a cidade com 154.276 habitantes, 60.254 eram analfabetos por isto Djalma fez da Educação sua meta prioritária.

Segundo Germano, *"a Campanha de Pé no Chão (...)* possibilitou uma organização cultural com a criação de Bibliotecas, Praças de Cultura, Teatrinhos do Povo, Galerias de Arte, Praças de Esportes... enfim o povo participou"⁽¹⁰⁾.

Participantes do movimento: Moacyr Góes, Ivis Bezerra, Edízio Pereira, Alberto Pinheiro de Medeiros, Antonio Campos e outros estudantes.

Com o Golpe de 64, os movimentos tão bem encaminhados, foram reprimidos. Seus dirigentes presos, alguns exilados, seu criador Djalma, morreu no Uruguai a 30/07/1971.

Foram inúmeros os inquéritos e demissões de funções públicas. Destes movimentos populares em que estavam envolvidos a Igreja e os estudantes, só um sobreviveu ao Golpe que foi o MEB devido ao convênio entre a CNBB e a unção (1961 a 65), porém em 1966, ele já apresentava características diferentes de um Movimento de Educação Popular.

A Cartilha "*Viver e Lutar*" foi apreendida, considerada de caráter subversivo, cartilha comunista⁽¹¹⁾.

A Igreja sentiu-se agradecida aos militares pelo Golpe. Mais tarde, em decorrência das torturas, ela entra em colapso, retira-se mais uma vez e vai refletir sua posição, preparando-se para novos trabalhos, separada do Estado, na linha ofensiva.

NOTAS

- (1) PINTO, Maria Lúcia. Escolas radiofônicas: ação política e educativa da igreja católica no RN. mimeo.
- (2) Id. Ibid.
- (3) FERRARI, Alceu. Igreja e desenvolvimento - o movimento de Natal. p. 51-52
- (4) "O problema de menores nesta Capital". A Ordem, 30-06-43.
- (5) FERRARI, Alceu. Igreja e desenvolvimento - o movimento de Natal. p. 57 a 63.
- (6) MUNIZ, Beatriz. et ali. p. 89-90-91.
- (7) GÓES, Moacyr de. De pé no chão também se aprende a ler (1961-1964). p. 20-21-24.
- (8) SILVA, Carlos Eduardo. Tempo Universitário Revista de Cultura da UFRN. Liberdade e Religião. p. 27-28-29-30.
- (9) SILVA, Justina Iva de A. Estudantes e política: estudo de um movimento (RN 1960-1969). p. 88 a 100.
- (10) GERMANO, José Willington. Lendo e aprendendo: a campanha de pé no chão. p. 117.
- (11) GÓES, Moacyr de. De pé no chão também se aprende a ler (1961-1964). p. 41-52-53.

CONCLUSÃO

Na nossa visão de estudo com relação ao trabalho percebemos que a Igreja Católica, realmente assume posição contraditória que até certo ponto é aceitável se partirmos da seguinte concepção: sendo portadora de uma fé e esta só se realiza numa sociedade concreta, cheia de contradições e ambiguidades refletidas no seu interior, a Igreja absorve e também passa essa imagem.

Apesar dessas contradições, ela deu mostras de sua força ideológica e desempenhou funções só superadas algumas vezes pelo Estado.

É a única instituição que consegue um diálogo com o Governo, aliás ao lado das Forças Armadas, que é outra forte Instituição. Seus posicionamentos são bastantes decisórios no destino da Nação. Influindo no Estado, dele recebe influência e isto é passado para os fiéis através de suas práticas.

Sentindo-se contrariada, recua mas depois volta aparentando uma unidade, a fim de se manter no poder e se reproduzir na sociedade.

No Golpe de 64, nada fez para deter o movimento, ao contrário, incentivou-o, uniu-se ao Estado. Talvez, porque ela não é a única força social de atuação.

O Clero estava dividido e já fazia algum tempo, entre conservadores e progressistas e ela optou pelos conservadores.

Enfim, foi uma surpresa porque seus projetos sociais estavam bem encaminhados, o povo com um certo grau de conscientização, teve que voltar a fase inicial. Isto deve ter gerado uma confusão nas mentes das pessoas.

Quanto as hipóteses que levantamos elas foram fundamentadas:

a) O discurso é diferente da prática principalmente quando afirma que vai preservar o homem do campo, criando sindicatos que na verdade era para mantê-lo afastado de outras ideologias que estavam surgindo;

b) Havia infiltração em seu meio de uma sociedade secreta, no caso a CIA e ela recebia subvenção dos E.U. para suas ações, sobretudo no meio rural a fim de conter as ligas Camponesas de Julião;

c) Quando vimos sua origem, realmente ela identifica-se com os ricos;

d) Quanto ao status quo, jamais perdeu, mesmo quando surgiu o Estado Laico, ela tem o respaldo da Igreja Universal ou procura estratégias e consegue preservá-lo. No caso da criação da LEC que era para influir nas decisões

políticas e obter vantagens sobretudo para Escolas Católicas orientadas pela Igreja.

Não podemos negar que a Igreja foi Promotora do Desenvolvimento no Nordeste e sua Ação Social em Natal foi um avanço para uma Igreja Popular em termos de Futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE, Manuel Correia de: Ligas camponesas e sindicatos rurais do Nordeste (1957-64). 1980.
2. _____, A terra e o homem no Nordeste. Rio Janeiro, Brasiliense, p. 1963.
3. ALVES, Marcio Moreira. A igreja e a política no Brasil. Ed. Brasiliense, 1979.
4. ARNS, Paulo Evaristo. O que é igreja. Rio de Janeiro, Brasiliense, p. 14-15.
5. BASBAUM, Leôncio. História sincera da república (1930-60). 3ª ed. São Paulo: Editora Alfa Omega, 1983, 216 p
6. BETIATO, Mario Antonio. Da ação católica a pastoral da juventude. Petrópolis: Vozes, 1985, 122 p.
7. BOFF, Leonardo. E a igreja se fez povo. Eclesiogênese: A igreja que nasce da fé do povo. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1981, 230 p.
8. BEOZZO, José Oscar. A igreja entre a revolução de 1930. O Estado novo e a redemocratização. In: FAUSTO, Boris. (Dir). O Brasil republicano 4. Economia e Cultura (1930-1964) São Paulo, DIFEL, 1994. (História Geral da Civilização Brasileira, III).
9. CARDOSO, Miriam Limoeiro. Ideologia do desenvolvimento. JK-JQ. 2ª ed. Paz e Terra, 1978.
10. CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. Igreja e desenvolvimento. São Paulo: CEBRAP/Ed. Brasileira de Ciências, 1971.
11. _____. Católicos, protestantes, espíritas. Vozes, 1973.
12. CATANI, Afrânio Mendes. O que é capitalismo. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos).
13. CRUZ, Dalcy da Silva. A redenção necessária: igreja católica e sindicalismo rural (1960-64). Campina Grande: 1982 (Dissertação de Mestrado).
14. CUNHA, Luiz Antonio, GÓES, Moacyr de. O golpe na educação. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, 95 p.

- OK
15. DREIFUSS, René Armand. A conquista do Estado. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1981, 814 p.
 16. FERRARI, Alceu. Igreja e desenvolvimento - o movimento de Natal. Natal, Fundação José Augusto, 1968.
 17. FLEURI, Reinaldo Matias (Org.) Movimento popular, política e religião. São paulo, Loyola, 1985.
 18. FOYACA, Padre Manuel. As Encíclicas Sociais. Ed. AGIR - Rio de Janeiro, 1967.
 19. GARCIA, Carlos. O que é Nordeste brasileiro. Ed. Brasiliense, 1984 (Coleção Primeiros Passos).
 20. GERMANO, José Willington. Lendo e aprendendo: a companhia de pé no chão. São Paulo, Cortez, 1982.
 21. GOES, Moacyr de. De pé no chão também se aprende a ler (1961-1964); uma escola democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
 22. IANNI, Octavio. O colapso do populismo no Brasil. Rio Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1975.
 23. LIMA, José Ayrton de. Ideologia política do rádio Norte Riograndense. Natal: COJONART, 1985. .
 24. MENDES, Júnior, Antonio. A. Política da igreja: era de Vargas. Ed. Brasiliense, 1981.
 25. MEDINA, C. A. de, OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. Autoridade e participação. Petrópolis: Vozes, 1973, 191 p.
 26. MIRANDA, Júlia. O poder e a fé - discurso e prática e o católico. Fortaleza: EUFC, 1987.
 27. MOREIRA, Ruy. Geografia: teoria e crítica. Movimentos Sociais Urbanos. Vozes, 1982.
 28. OLIVEIRA, Frei Hermínio. De formação histórica da religiosidade popular no Nordeste. Tese de Mestrado pela Universidade Católica de Louvain. São Paulo: Edições Paulinas - 1985.
 29. OLIVEIRA, Francisco de. Elegia para uma Re(li)gião: SUDENE, Nordeste, planejamento e conflitos sociais. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
 30. ONOFRE Jr., Manoel. Breviário da cidade do Natal. 2ª edição. Natal: Ed. Clima, 1984
 31. PINTO, Maria Lúcia. Escolas radiofônicas: ação política e educativa da igreja católica no RN (1956-61), mimeo.

32. ROLIM, Francisco Cartaxo. Religião e classes populares. Petrópolis: Vozes, 1980.
33. SABINO, Geraldo. História do sindicalismo no RN. Petrópolis; Vozes, 1981.
34. SOUSA, Itamar de. A luta da igreja contra os coronéis. Petrópolis: Vozes, 1982.
35. _____. Migrações internas no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1980.
36. SOUSA, Anibal Teixeira. Os bispos no Nordeste e as migrações internas.
37. SKIDMORE, Thomas. Brasil: de Getúlio a Castelo. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
38. SOARES, José Arlindo. A frente de Recife e o governo do Arraes - nacionalismo em crise 1955/1964. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982
39. SILVA, Justina Iva de A. Estudantes e política - estudo de um movimento (RN 1960-1969). Editora Cortez, 1989.
40. SILVA, Carlos Eduardo Lins da. Em busca do voto perdido (os meios de comunicação na tentativa de restaurar um pacto populista) Natal: COOJORNAT, 1982.
41. SILVA, João Batista da. Tempo Universitário. Revista de Cultura da UFRN. Liberdade e Religião. Natal, v. 6, n. 1, 1980
42. O Cristianismo 2.000 anos de Caminhada. Suplemento da Revista Família Cristã. 2ª edição.
43. WANDERLEY, Luiz Eduardo.
44. WEFFORT, Francisco C. O Populismo na política brasileira. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

ANEXOS

1900

CRONOLOGIA

▲ Dom Viçoso, bispo de Mariana (MG) (1844-1875).

- A revitalização ultramontana no Brasil
- Fuga de Pio IX para Gaeta (1848)
- Dogma da Imaculada Conceição (1854)
- Aparições em Lourdes (1858)
- Fundação dos Salesianos (1859) por d. Bosco († 1888)
- *L'Osservatore Romano* (1861)

- Dom Ketteler: *A questão operária e o cristianismo* (1864)
- Encíclica *Quanta cura* e *Syllabus errorum* (1864)



- Encíclica *Aeterni patris* sobre o tomismo (1879)
- I Congresso Eucarístico Internacional em Lille (1880)
- JOHN HENRY NEWMAN (1801-1890)
- Encíclica *Rerum novarum* (1891) sobre a questão operária
- I Concílio plenário dos bispos latino-americanos, em Roma (1899)
- Condenação do americanismo (1899)

- ▲ 1º cardeal brasileiro: d. Arcoverde (1905)
- Encíclica *Pascendi* (1907) → condenação do modernismo
- Decreto *Quam singulari* (1909) sobre a comunhão das crianças
- O juramento antimodernista (1910)

▲ PADRE JÚLIO MARIA, CSSR (1850-1916)

- ▲ 1ª Carta Pastoral de d. Leme (1916)
- Promulgação do *Codex iuris canonici* (1917)
 - Aparições em Fátima (1917)
- Encíclica *Maximum illud* (1919) sobre as missões
- Conferências de Malines (1921): diálogo de católicos e anglicanos
- ▲ Centro Dom Vital e revista *A Ordem* (1922)
- Encíclica *Ubi arcano* (1922) → Fundação da Ação Católica

CRONOLOGIA

ANOS

1925

João XXII (1958-1963)

1950

João XXIII (1958-1963)

Paulo VI (1963-1969)

HISTÓRIA DO CRISTIANISMO

- Festa de Cristo-Rei (1925)
- Cardijn funda a JOC (1925)
- Jornada mundial das missões (1926)
- Fundação do Opus Dei, na Espanha (1926)
- ▲ JACKSON DE FIGUEIREDO (1891-1928)
- Encíclica *Quadragesimo anno* (1931)
- ▲ Liga Eleitoral Católica - LEC - (1932)
- Concordata com o Reich, na Alemanha (1933)
- ▲ Primeiros congressos eucarísticos nacionais: Salvador (1933) e Belo Horizonte (1936)
- ▲ Constituição brasileira de 1934: vitória das reivindicações católicas
- Morte de Lord Charles Halifax, pioneiro do ecumenismo (1934)
- As três encíclicas sobre o nazismo, o comunismo e a perseguição do México (1937)
- Fundação do Conselho Mundial de Igrejas (1938)
- I Assembleia em Amsterdã (1948)
- ▲ DOM SEBASTIÃO LEME (1882-1942)
- Encíclicas *Mistici corporis* e *Divino afflante Spiritu* (1943); *Mediator Dei* (1947)
- Dogma da Assunção de Nossa Senhora (1950)
- Encíclica *Humani generis* (1950)
- Concordata com a Espanha de Franco (1953)
- ▲ Fundação da CNBB (1952) e CRB (1954)
- 1ª intervenção nos *padres operários* (1954)
- Nova crise em 1958

PIERRE TEILHARD DE CHARDIN (1881-1955)

- Fundação do CELAM (1955)
- Anúncio do Concílio Vaticano II (25-1-1959) por João XXIII - Encíclicas *Mater et Magistra* (1961) e *Pacem in Terris* (1963)

1960-1969

- Viagem de Paulo VI à Terra Santa e encontro com patriarca Atenágoras em Jerusalém (1964)

* Levantamento mútuo da excomunhão de 1054 entre a Igreja Latina e Ortodoxa (7-12-1965)

O arcebispo anglicano Ramsey, de Cantuária, visita o Papa no Vaticano (1966)

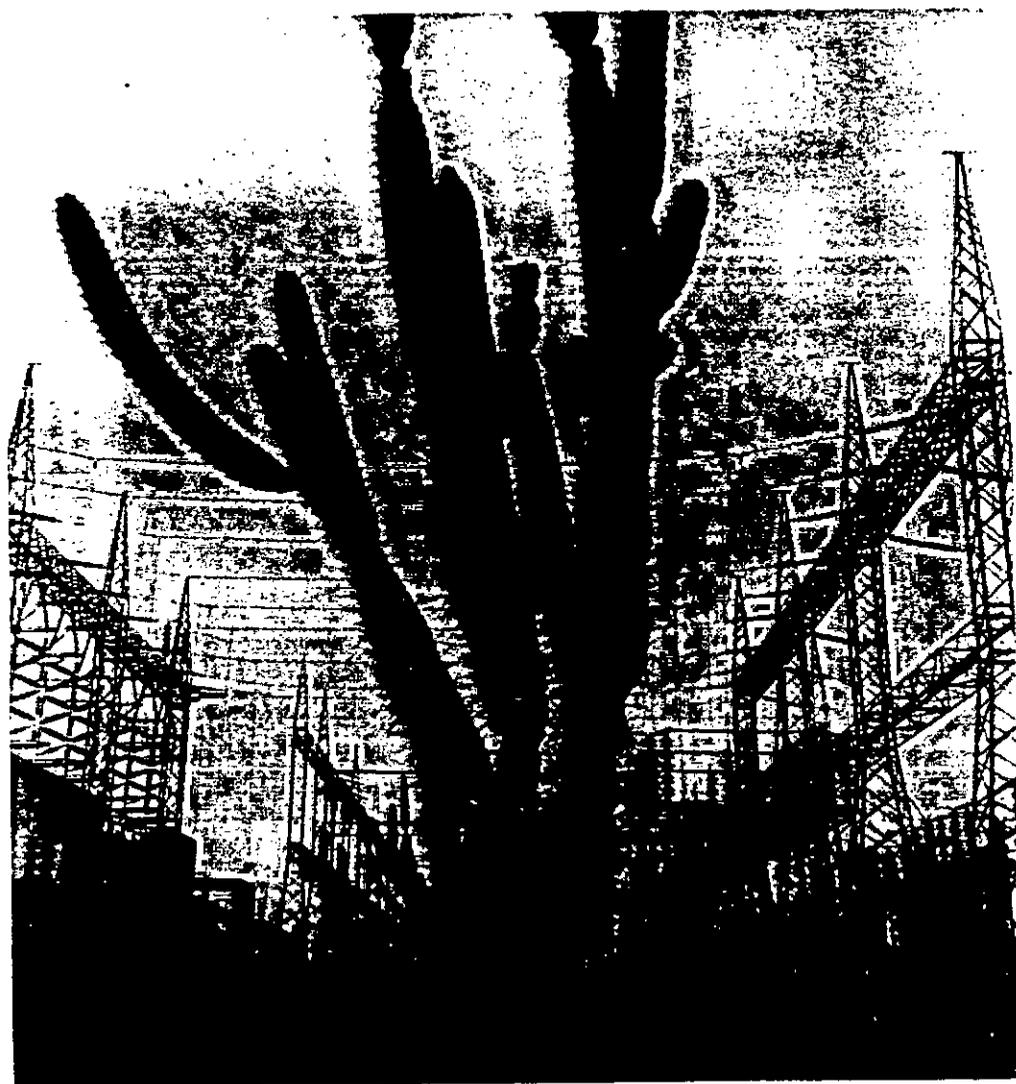
▲ PPC da CNBB (1966) → as seis linhas pastorais

- Encíclicas *Populorum progressio* (1967) e *Humanae vitae* (1968)

- II Assembleia do CELAM → MEDELLÍN (1968)



*1. FLAGELADOS DO NORDESTE, 1951.
(Cortesia do Arquivo Nosso Século).*



2. ELETRIFICAÇÃO DO NORDESTE, 1963.
(Cortesia do Arquivo Nosso Século).



6. D. HELDER CÂMARA DISCURSANDO, TENDO AO LADO O PRESIDENTE J. KUBITSCHEK, 1958. (Foto de G. R. Gajner).

Faltam 33 dias para a Vitória de Aluizio-Walfredo

TRIBUNA DO NORTE

Gigantesca manifestação de desagravo recebem o Deputado Aluizio Alves na noite de ontem no Grande Bazar

Convencão do PSD para...

Entusiasmo dos los Candidatos



Faltam 118 dias para a posse de Aluizio-Walfredo

TRIBUNA DO NORTE

Vitoria do Povo: Aluizio Governador

1. dia de apuração: 10.442 de maioria

... de 1942... 11 de julho... 10.442 votos...

O TRE Congratula-se com o Ministro da Guerra

... de 1942... 11 de julho... 10.442 votos...

A Vitória do Povo

... de 1942... 11 de julho... 10.442 votos...

... de 1942... 11 de julho... 10.442 votos...

3. Governador eleito Aluizio Al. R. de, com 10.442 votos

... de 1942... 11 de julho... 10.442 votos...

... de 1942... 11 de julho... 10.442 votos...

... de 1942... 11 de julho... 10.442 votos...



Derrota do povo e vitória de Aluizio Al. R. de

Altam 87 dias para a vitoria de Aluizio-Walfredo

TRIBUNA DO NORTE

ESTABELECIDO EM 1912
PÁGINAS: 2
PREÇO: 400 \$

DIÁRIO DE NOTÍCIAS
C. P. Nº 100, RUA DE SÃO FRANCISCO, 100

Altam viveu ontem a sua maior festa cívica

Altam, 24 de Setembro de 1954. — A cidade de Altam viveu ontem a sua maior festa cívica, comemorando o aniversário de 100 anos da sua fundação. O dia foi marcado por uma série de eventos, incluindo uma procissão solene, concertos e discursos.



Brasil Poderia Ser Beneficiário

Um relatório do Banco Mundial indica que o Brasil poderia ser beneficiário de empréstimos internacionais para o desenvolvimento econômico. O relatório destaca a necessidade de investimentos em infraestrutura e educação.

Regresso Triunfante do Trem da Esperança

O trem da Esperança retornou a Altam após uma viagem de 10 dias, levando milhares de passageiros e mercadorias. A viagem foi considerada um sucesso devido à boa organização e ao conforto oferecido.

Continuação da cobertura da festa cívica em Altam, com relatos de discursos emocionantes e celebrações populares.

Notícia sobre a situação econômica local e as perspectivas para o futuro da cidade de Altam.

Caravana da Esperança hoje em S. Tomé e Macau

A Caravana da Esperança chegou hoje a S. Tomé e Macau, onde será recebida com honras. A caravana tem o objetivo de promover o desenvolvimento e a integração regional.

Caravana da Esperança hoje em S. Tomé e Macau

Legat também se itinerário de Aluizio e Walfredo Ca gal

Regresso Triunfante do Trem da Esperança

Calorosas manifestações aos candidatos da Fé e da Esperança em Pedro Velho e Lagoa de Montanhas

Detalhes sobre o itinerário dos candidatos políticos e as atividades realizadas durante a viagem.

Relato sobre o regresso triunfante do trem da Esperança, destacando o apoio popular recebido.

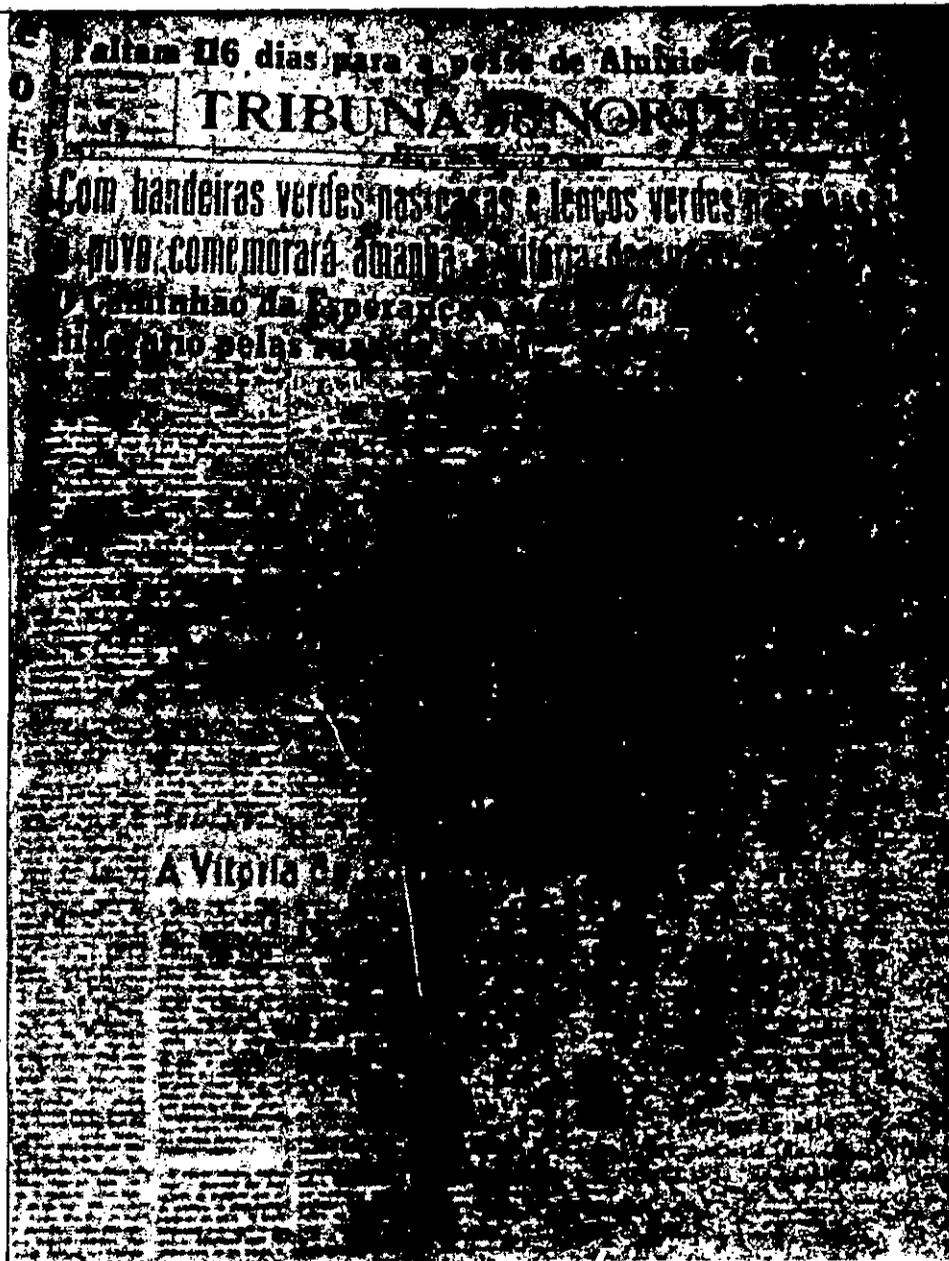
Descrição das calorosas manifestações em favor dos candidatos da Fé e da Esperança em Pedro Velho e Lagoa de Montanhas.

Notícia sobre a preparação para as eleições e o papel da comunidade local.

Atualização sobre o andamento da Caravana da Esperança e os próximos destinos.

Relato sobre as manifestações populares e o entusiasmo dos cidadãos em relação aos candidatos.

Prepara-se a Bahia para receber



16 dias para a posse de Albuq...

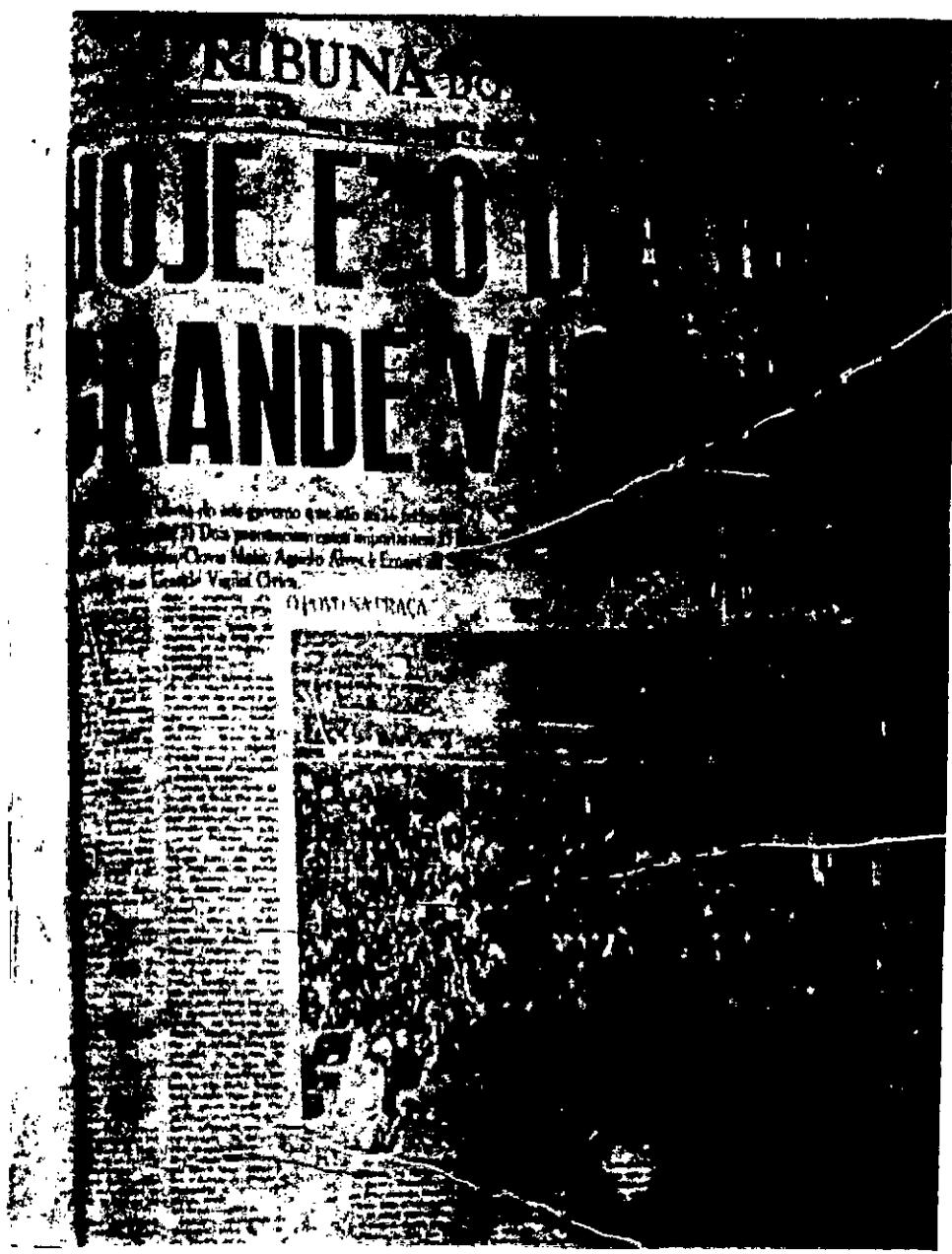
TRIBUNA DO NORTE

Com bandeiras verdes nas casas e lençóis verdes nas ruas o povo comemorará amanhã a vitória da Esperança...

Continuação da Esperança...

A Vitória de...

A Vitória de...



Hoje é o dia da Esperança. Da conquista por
 O CAMPEONATO DA CRUZADA DA ESPERANÇA
 A com a seleção de Walfredo Gonet e
 Jonko, Bezerra para o Senado

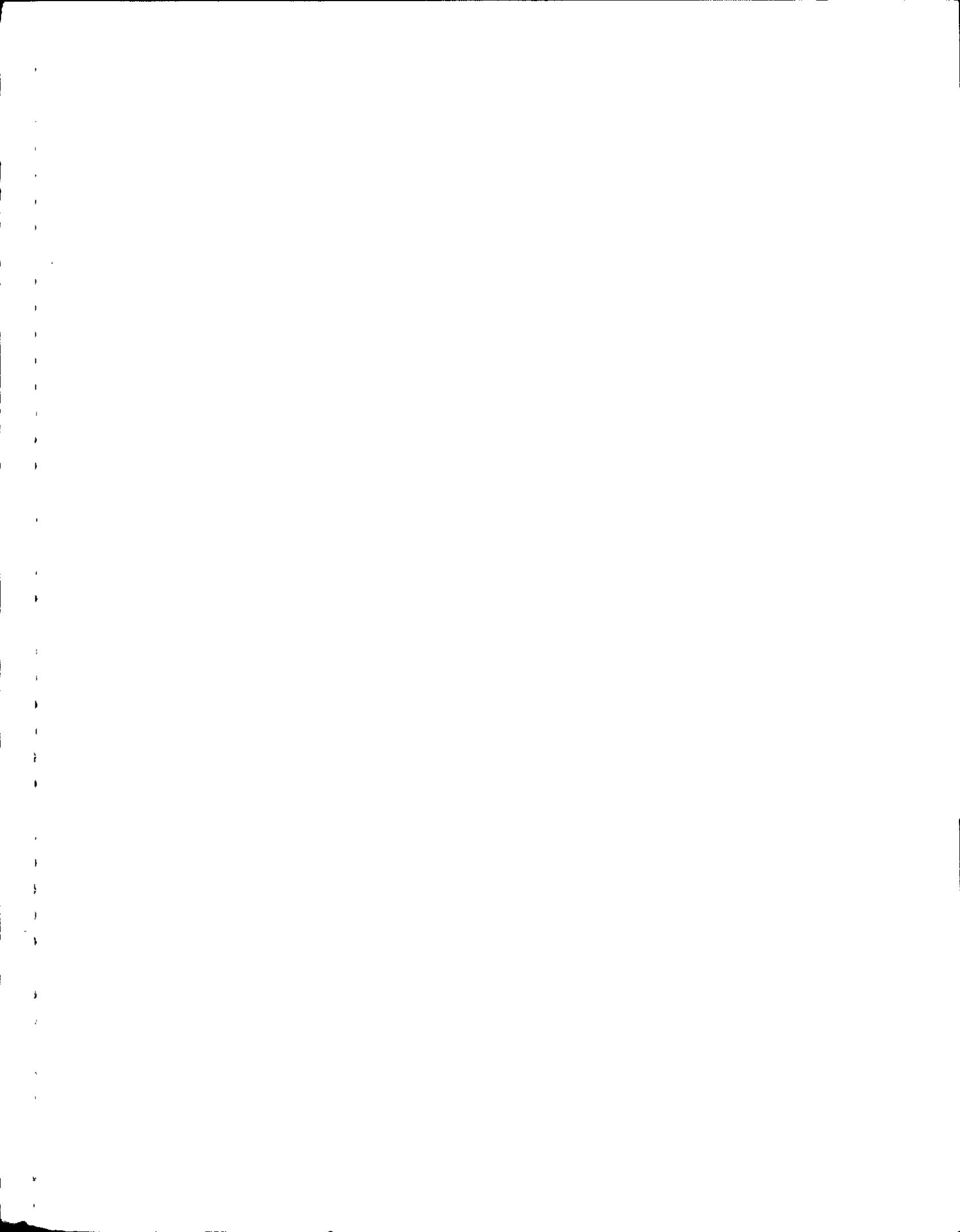
TRIBUNA NOROCCIDENTAL

O CAMPEONATO DA CRUZADA DA ESPERANÇA
 em a vitória do Brasil

1934







M-93-29



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

19



**A IGREJA CATÓLICA DE NATAL E OS MOVIMENTOS POPULARES
(1960-1965)**

TEREZINHA DE JESUS CUNHA DOS SANTOS

ORIENTADORA: MARLENE DA SILVA MARIZ

NATAL/RN, 1993